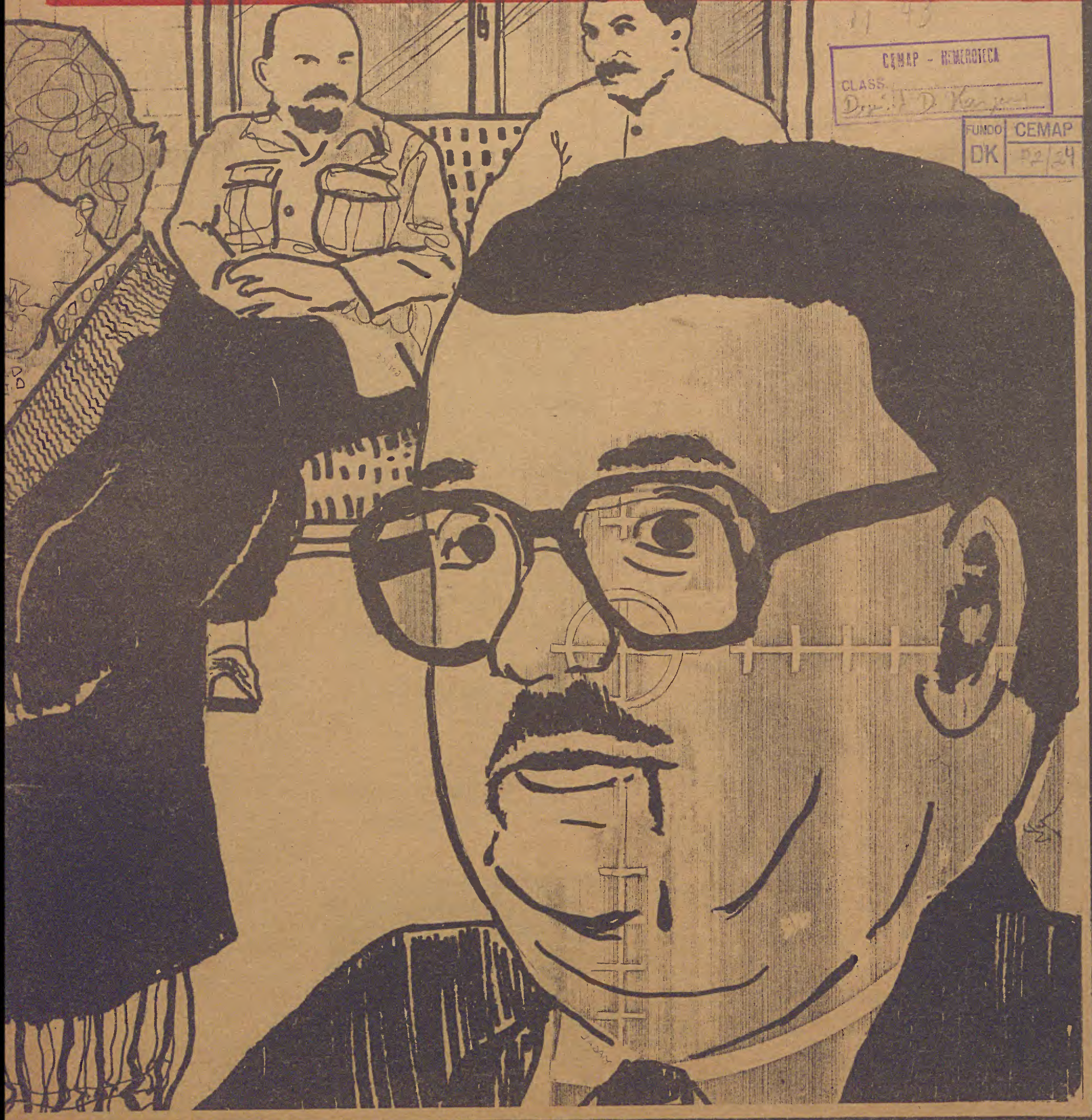
CEDEM - O INIMIGO DO REI - SETEMBRO - 82 - Nº 17

O INIMIGO DO REI

Nº 17 Cr$ 100,00 1 Perna Setembro

CEMAP - HEMEROTECA
CLASS.
FUNDO DK CEMAP 82/24



CEDEM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP

O INIMIGO DO REI

PAPO DE PT FRUSTRADO

Eu, ex-petista, apesar de hoje estar totalmente desvinculado do partido, ainda acho que a proposta inicial do PT é a melhor que já pintou no pedaço. Os núcleos funcionariam como meio de troca de anseios de todos os níveis entre os participantes, o que daria maior confiança a todos, e a identificação de idéias e necessidades logo chocar-se-iam com as imposições do sistema que castram o interior humano. E a transformação está diretamente ligada à vontade e à consciência de cada um. Era o que me ligava ao PT.

Mas os marxistas, que primam pelo desprezo à consciência dos homens chegaram com a política que sc
eles mesmo conseguem entender, subjugando as pessoas a uma nova ditadura, de valores morais velhos com uma camada de pó-de-arroz. Deixando claro que o que querem é estabelecer uma "nova sociedade de castas".

Vi, também, a minha incoerência do participar de um partido que repentinamente torna-se eleitoreiro, sendo que eu não posso aceitar o parlamento como salvação da lavoura, pelos exemplos que nos são dados pela história. E os erros da história só são repetidos quando o interesse pela transformação é falso.

Acho eu que uma prática revolucionária independe de partidos e centralismo, mas sim de uma convivência e da coerência entre sonho e praxis. A nossa maneira de viver tem que estar ligada a nossa maneira de pensar e sentir. É a revolução do dia-a-dia, desmascarando a moral da IGREJA e do ESTADO, usando de todos os meios que dispuser.

Descaralhar é a palavra que uso. Deixar a sensibilidade à flora da pele, fazer valer o interior de todos. Transformação é sensibilidade.

salsa/ES

VOLVER A LOS DIECISIETE

"... Dentro de la "mierda"

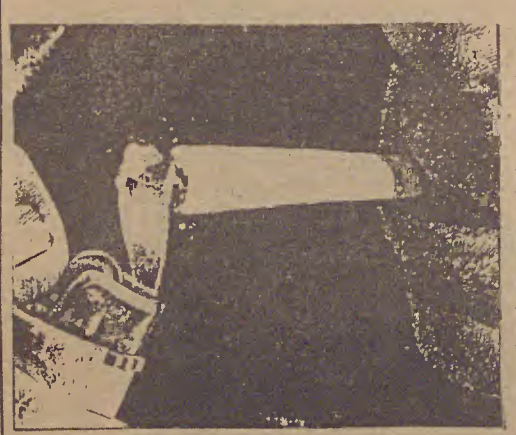
"... Dentro de la "mierda" en que todo el mundo se desenvuelve hay que luchar y soñar que esa lucha ha de conseguir algo, si así no lo hace uno queda envuelto por la mediocridad del ambiente y entonces cabe preguntarse? Vale la pena subsistir? Si no tenemos um motivo de lucha, algo que nos incentive nuestra existencia no creo merezca la pena pasar por el mundo solo para comer, cagar y sumarse al carro de la imbecilidad reinante".

É HORA DE AÇÃO

"... Hoje é necessário dinamizar a propaganda anarquista. Precisamos dizer quem somos, o que pretendemos e o que podemos oferecer como solução transformadora deste mundo. O que nos falta de imediato é a capacidade de nos organizarmos em grupos por afinidade e ligá-los por meio de uma federação a nível de Brasil. Não me parece que as coisas desordenadas, cada um agindo por sua conta e risco, possa realizar uma obra de grande envergadura.

Entendo que devemos, agora, colaborar em tudo que nos seja possível, marcando uma posição inconfundivelmente libertária. Lançando obras capazes de espelhar o que já se fez, o que se pode tirar de experiência para o presente e o que é preciso corrigir para o futuro. Nada é definitivo, estático, e nem o anarquismo é intocável. Porém, não podemos confundir ser anarquista com ser revoltado, contestar para desabafar como faz qualquer político. Nossa imprensa, mais do que nunca, precisa falar do anarquismo. Explicá-lo para aqueles que pensam que já sabem tudo. Todo e qualquer tema pode ser tratado anarquicamente, desde prostituição, pederastia até os progressos tecnológicos ou à exploração do homem pelo homem. Lamentavelmente nossa imprensa não reflete essa possibilidade, muitos artigos além de desabafo, fogem totalmente aos objetivos do anarquismo. Outros confundem conhecer idéias (ter lido alguns livros) com sentir idéias, tê-las e fazê-las parte do seu EU."

edgar rodrigues/RJ



FESTA EM MILANO

De 24 de setembro a 26 do corrente mês, vai realizar-se em Milão um encontro para estudar a obra de Errico Malatesta, no cinqüentenário da morte do revolucionário anarquista italiano.

Nestes três dias de debates sobre a obra e a contribuição de Malatesta no contexto social mundial, haverá a participação de estudiosos de diversas partes do mundo, entre os quais, citamos, representaes do Japão, Portugal e Inglaterra.

Os representantes dos países acima citados, refletirão sobre a influência Malatestiana em seus países. Um representantes italiano fará a abertura dos estudos com a biografia de E. Malatesta. Após a apresentação dos trabalhos pelos palestrantes, haverá debates e, no domingo 26, último dia do encontro, se fará uma conclusão do congresso.

Abaixo transcrevemos a tradução da carta-convite enviado ao Inimigo do Rei. Se houver interesse (e grana) segue, também, o endereço e telefone para informações.

"Caros companheiros:

Enviamos programa do encontro de estudo sobre Errico Malatesta, organizado pelo nosso centro, no cinqüentenário da morte do grande Anarca Italiano.

O encontro não pretende ser uma comemoração, mas um momento de verificação da atualidade do pensamento Malatestiano e uma realização do significado de Malatesta na história do movimento operário Italiano e Internacional.

O encontro transcorrerá em Milão de 24 a 26 de setembro e contara com tradução italiano-francesa somente no sábado.

Na esperança de encontrar alguns de vocês neste encontro, enviamos-lhes fraternas saudações.

Pela secretaria do encontro
ROSSELLA DI LEO".

Centro Studi Libertari
V. le monza 255
20126 - MILANO
TEL. 257-4073

Local do encontro
PALAZZO DELLE STELLINE/C.SO 61/
MILANO

Paris a 11 de agosto 1982.

C.N.T. - A.I.T.
Region Exterior
Comarcal Zona Norte
33, rue des Vignoles
75020 PARIS

LLAMADA SOLIDARIA PARA
RADIO LIBERTAIRE

Estimados compañeros, compañeras : Salud !

El gobierno socialo-comunista francés delibera sobre el problema de las radios libres (region parisina). Por supuesto, el estado insistiendo en conservar todo el beneficio del monopolio de las ondas, busca limitar en lo minimo el numero de las frecuencias disponibles y si es posible matar con ello a las radios libres (RADIO LIBERTAIRE forma parte de ellas). RADIO LIBERTAIRE emisora de la Federacion Anarquista Francesa, creando una relacion de fuerza a su favor, ha impuesto al gobierno algunas concesiones.

!! HOY EN DIA SE TIENE QUE IR MAS LEJOS !!

Para ello, rogamos a todos los compañeros, compañeras y simpatizantes que envien cartas o telegramas con encabezamiento al : Monsieur le Premier Ministre con un texto que se podria asimilar al siguiente :

"Monsieur le Premier Ministre,

Nous vous demandons d'autoriser les émissions de RADIO LIBERTAIRE comme garantie des libertés dans la diversité d'opinions."

Estas cartas o telegramas deberan de enviarse a :

RADIO LIBERTAIRE
145, rue Amelot
75011 PARIS

que transmitira el dossier al Ministerio.

Insistimos en que los compañeros tomen a pecho este pequeño acto solidario con los compañeros franceses que les resultara una gran ayuda.

SOLIDARIDAD CON RADIO LIBERTAIRE.

La Comarcal Zona Norte (Region Paris))
de la C.N.T. de España
(Regional Exterior).

TESTAMENTO: NÃO MANDEM FLORES

Eu, VENANCIO PASTORINO SOBRINHO, residente no Bairro Castro Alves, Cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, estando no pleno uso do meu raciocínio e na plenitude de minhas faculdades mentais, ciente e consciente de todos os atos, do que digo e escrevo, neste documento, que redijo por sentir que se aproxima o fim de minha existência, traço as determinações que devem orientar os meus funerais neste documento, demonstrando à minha companheira Esposa, aos meus filhos, netos e bisnetos, peço cumprir e façam cumprirem estas determinações do revolucionário extinto, que se destinam a manter na minha morte a coerência com a minha maneira de pensar que foi uma constante e durante toda minha existência.

1º - Declaro que sou contrário a todas as formas, embustes e mentiras de carater religioso. Durante toda minha existência, como livre pensador e partidario da verdade, através da doutrina ANARQUISTA, na qual vejo a única forma do homem atingir sua libertação, até a conquista de todos os direitos necessário todos os direitos necessários a humanidade.

2º - Declaro que sempre fui fiel à classe trabalhadora, para cuja libertação trabalhei até minha morte.

3º - Os meus funerais deverão ser o mais simples, recomendando aos meus familiares que vejam na minha morte um ato natural e não um fenômeno extraordinário. Todos os seres nascem, vivem e morrem. Dessa forma, dispenso as lágrimas, as flores e todos os embustes, e inclusive peço que não vêlm o corpo, pois este é um ato religioso, de refinada hipocrisia.

O caixão será de tábuas de pinho bruta, sem nenhum forro ou almofadas internas, com pega-mãos de metal comum, ele será feito por um carpinteiro amigo, o defunto, de luxo não precisa. Não quero ser sepultado em cemitério sujeito a direção de entidades religiosas e sepultado no chão.

4º - Cumpridas estas determinações, como aqui fica dito, estarei combatendo, com os meus restos mortais, os embustes das formas e preconceitos, da organização social CLERICAL-CAPITALISTA, e assim como também todas as formas estatais das castas privilegiadas, que fazem a ruina da classe trabalhadora. O exemplo, temos diante de nosso olhos, é o sistema Comunista político-capitalista, estabelecido na Rússia e em outros países, uma das maiores AUTOCRACIAS DA PLUTOCRACIA ESTATAL, com o nome do proletariado universal, de multidões escravas e famintas. Iguais a todos os sistemas Estatais da Democracia Burguesa-Capitalista.

Assino estas condições, que são as que estabeleço e peço aos meus familiares e amigos.

Bagé, julho, 1965.

VENANCIO PASTORINO SOBRINHO

ÊTA, QUE BANDO DE SAFADOS

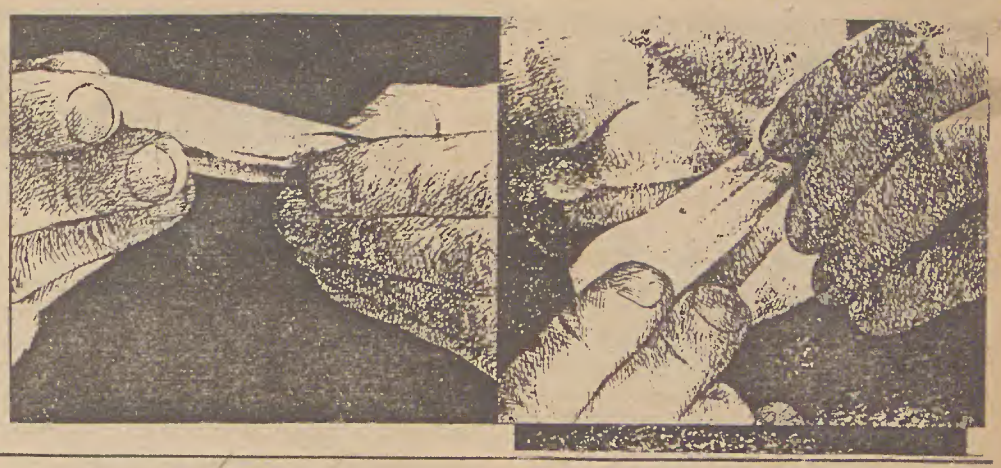
rafael fernandez/RS

"Há uma me..talidade subjugada, escrava do dinheiro e que não vê nada realizado sem esse "Molok" escravizador da vida humana. Cada coisa deve ser comprada.

O trabalho: verdadeiro deus que salva a humanidade da fome, da miséria e de todas as pragas. Este deus está subjugado ao deus dinheiro, instrumento inventado pelos usureiros para escravizar a humanidade. E aí o temos. Escraviza física, intelectual e moralmente.

A humanidade vende sua força de trabalho, sua honra, sua liberdade, e tudo o que tem para adquirir esse elemento (o dinheiro) que não faz nada, a não ser manter escravos a todos nós.

Quantos crimes? Quanta miséria gerada pelo dinheiro? Será que a humanidade não poderia suprimir esse elemento de escravidão?"



CANNABIS

"Aquilo que vemos com a droga-droga é talvez mais real do que aquilo que somos levados a compreender com a droga da educação, de política, da língua, das palavras. Estas coisas são igualmente drogas. Desde a infância que somos drogados com todas as idéias da civilização. Precisamos eliminar essa droga."

julian beck, final dos anos 60

Bia. Osório. P. Flores/RS

Em Porto Alegre, a imprensa burguesa reuniu os candidatos ao trono do Palácio Piratini para uma entrevista sobre suas propostas políticas. Nela se falou de quase tudo: democracia, reforma agrária, Lech Walesa, John Lennon. No meio acenderam uma bomba: "e a liberação da maconha?" Fazendo eco ao "visceralmente contra" do candidato dos milicos, Jair Soares, o "sou contra" de todas as oposições. No meio de toda farsa que foi armada para o 15 de novembro, a milicada ganhou o apoio dos pretensos candidatos oposicionistas (PMDB, PDT e PT) na perseguição, prisão e todo tipo de violência contra o usuário do baseado, pois a questão da descriminalização da cannabis representa não só "ser contra ou a favor da maconha", mas se opor a toda legislação repressiva que dá ao Estado o poder de prender, torturar ou internar em clínicas as pessoas que querem ter a liberdade de curtir o seu barato. A juventude mais bonita deste país (que vai do jovem operário que fuma o seu baseado no canteiro de obras, até o pré-vestibulando "muito louco"), que mais do ninguém sabe da tragédia dos 18 anos, tá na cara com estes home. Se alguém esperava uma brisa de liberdade com a vitória das oposições pode ir tirando seu cavalinho da chuva: o aparelho repressivo do Estado permanecerá intacto. Isto mostra mais uma vez que um partido político dificilmente se colocará em defesa das questões ditas marginais da sociedade, pois terá que fazer uma série de concessões moral burguesa-cristã-ocidental para poder chegar ao poder. Em resposta às babacas pichações dos candidatos nos muros, a juventude pinta nas paredes: "mais maconha, menos armas", "Figueiredo: es murruga e fuma". Pois apesar de todas as posições da oposição, a juventude maconheira deste país está a solta nas ruas.

LANÇAMENTOS

Aristides Klafke lança "O MISTÉRIO QUE TEM NO CORAÇÃO DE TODO BANDIDO", integrande do PINDAÍBO, diz: "como se sabe em perspectiva poética a delinqüência é preferível ao mérito".

Paulo Nassar, também do Pindaíbo, lança "ALFABETO SEM LIÇÃO" "... ou não/ delegando poderes/ prá que alguns/ gozem por você o/ prazer de se fazer arte"."

Como se vê o pessoal do PINDAÍBO está lançando. Tem também o "ESPÍRITO DE CORPO" do Ulisses Tavares. Olhem que lindo: "meu peito tem dessas/ coisas loucas: quando cheio de ar,/ sufoca./ quando vazio detém a dor,/ avaliando o suicídio possível/ por falta de ar, ou de amor."

O pessoal da revista RAIZ promoveu nos dias 23 e 24/4 o I Encontro Cultural de Aracaju, em comemoração ao 1º aniversário da revista. É isso aí moçada, toda força! Esperamos notícias.

teresa jardim/RS

No gesto espontâneo e verdadeiro de um ser humano a outro, reside a consciência política. No beijo dado, tranqüilo. Na troca de idéias. A grande política é a do amor, pela vida pelo(a) companheiro(a). Para mim, Deus é a sobrevivência do amor na terra; a total sacação do que é bom por aqui. Deus é a vida, que se pode observar na mulher, apaixonada.

É preciso exaltar a importância do orgasmo a dois, podendo revolucionar todo processo social, até então insatisfatório, desde quando o primeiro e o maior gesto revolucionário está em despir-se e despedir-se do moralismo arcaico determinado pela igreja.

É papo de amar, na cama e na mesa, na praça; sem o menor nível de preocupação em estar se dividindo, se revelando. Já disse, duvidem não, dividam sim, porque é neste momento que nos tornamos iguais, desprendidos do egocentrismo, e daí é certo, de encontro a tranqüilidade de uma sabedoria maior; pela prática sexual da vida no seu merecido valor -- a entrega total a cada instante político -- até então enrustido em cada um de nós, debaixo dos chapéus, sei lá, entre os dedos do pé, tudo escondido atrás da muralha do militarismo histórico.

É urgente quebrar as barreiras que nos impedem de perceber o corpo social consciente. E que mulheres e meninas saibam, de maneira natural, encontrar o corpo em paz. Cabe ao macho enaltecer a poesia que envolve a fêmea em êxtase existencial. E o nosso todo amor espalharemos pelo chão da cidade, pelo céu através das estrelas. A vida sabe o quanto são importantes nossos beijos doces, que nunca se perdem, se encontram num plano astral, pairando sobre a consciência de todo Homem, e ponto!

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PALESTINA : 35 ANOS DE PERSEGUIÇÃO

FARID SOUWAN/OLP

A pergunta parece ser geral: por que os palestinos estão no Líbano? A resposta é bem simples: pelo mesmo motivo que estão espalhados por outros países arábes. Porque a nossa terra, a Palestina, foi primeiro dividida em 1948, e depois totalmente ocupada em 1967. Porque não temos o direito de viver na nossa própria pátria.

Desde 1948, a política israelense com respeito ao povo palestino pode se resumir na negação da identidade nacional, desapropriação de terras e bens e expulsão. Desde 1948 o exército israelense vem realizando operações de "limpeza" e "castigo" contra aldeias e acompamentos palestinos.

Nas palavras do antigo terrorista Itzakh Shamir, atual ministro de assuntos exteriores de Israel: "Os palestinos que vão o mais longe possível de Israel". Isto é, não basta ter roubado, expulsado, perseguido e massacrado. Devemos também ir o mais longe possível da nossa terra, para que o ladrão possa dormir em paz.

Quanto aos palestinos que ainda permanecem na pátria ocupada, Israel submete-os a todo o tipo de violência como punições coletivas, desapropriação, destruição de casas e lavouras, "prisão preventiva" e torturas. Convém lembrar que não há um só artigo na Declaração dos Direitos do Homem que Israel não tenha violado com relação aos palestinos.

No decorrer dos últimos 17 anos, os palestinos têm se organizado sob a Organização para a Libertação da Palestina, plataforma política que reúne qualquer gurpo ou organização palestina.

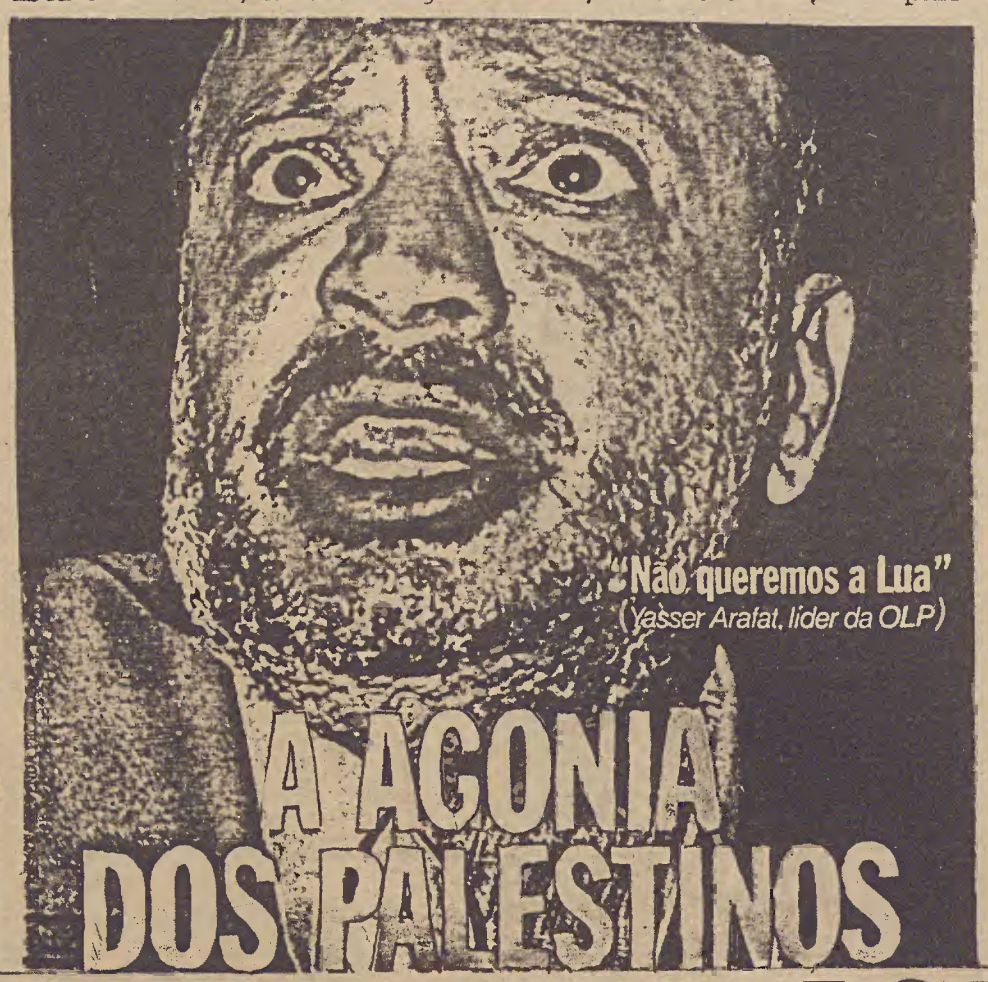
Dentro da O.L.P. estão enquadrados desde grupos guerrilheiros até associações de donas-de-casa. Nos últimos anos, as tentativas israelenses e norte-americanas de negar a representatividade da O.L.P. têm caído no ridículo. Nos acompamentos do exílio, nas cidades ocupadas, nas cadeias de Israel sob tortura, o povo da Palestina proclama somente a O.L.P. como sua representante.

Resistir e lugar para retornar à própria casa são direitos inalienáveis do povo palestino, reconhecidos pela Resolução nº 3236 da assembléia geral da O.N.U.

Tem se ouvido nos últimos dias muitas vozes criticando o fato de a O.L.P. pregar a luta armada como via válida de resistência. Desde o início da ocupação da Palestina, o Estado de Israel usou da mais atroz violência contra o povo indefeso. A título de exemplo, em abril de 1948 e pouco antes da constituição do Estado de Israel, Menahem Beguin cercou e arrasou a aldeia palestina de Deir Yassin (que ficava dentro do que seria a zona internacional de Jerusalém, fora portanto dos limites do estado judeu definido pela O.N.U.), matando a facadas 250 habitantes dessa aldeia.

Ante a violência israelense, é difícil imaginar que a resistência palestina não fosse armada. Os palestinos que vivem no território ocupado por Israel são perseguidos, torturados e baleados pelo exército de Israel, apesar de estarem absolutamente desarmados e indefesos. Ultimamente, no dia 04/07/82, oito pessoas foram feridas à bala numa manifestação de apoio à O.L.P. na Cisjordânia (território palestino ocupado militarmente por Israel em 1967).

Israel deseja que os palestinos, armados ou não, desapareçam ou deixem de existir como povo. Todos os dirigentes de Israel, desde a fundação desse estado até hoje, têm expressado o desejo de verem os palestinos sumirem. A falecida Golda Meir foi a mais clara de todos: "Eles (os palestinos) simplesmente não existem".



Acredito pessoalmente que o que impulsionou a sionista dupla Beguin-Sharon a levar adiante o plano da invasão do Líbano (minuciosamente arquitetada durante um ano), foi a resistência cada vez maior do povo palestino nos territórios ocupados.

Israel deseja levar os grupos palestinos ao desespero, para que cometam atos que possam ser tachados de terroristas e voltar assim ao velho chavão de que a O.L.P. é uma organização dedicada ao terrorismo internacional. Mas é realmente difícil ver um familiar queimado até os ossos e manter a cabeça fria.

A falácia de que Israel quer destruir a O.L.P. e não todos os palestinos, só por ignorância pode ser aceita. Não existe grupo palestino que não seja representado pela O.L.P. Destruir esta organização significa destruir escolas, hospitais, indústrias, centros de recuperação, orfanatos, enfim, toda a infra-estrutura da O.L.P., constituída pelo povo palestino exilado no Líbano.

O terrorista Menahem Beguin, com meios mais sofisticados que em 1948 e portanto sem precisar sujar as mãos como em Deir Yassin, está agora pondo em prática o plano de genocídio da população palestina no Líbano.

Em qualquer caso, o banho de sangue foi tão cruel quanto inútil. Não é possível acabar com a consciência nacional palestina, muito menos com todo um povo, como os ilustres assassinos Beguin e Sharon deveriam ter aprendido da história recente.

BOLIVIA : CULTURA ANDINA E SINDICALISMO

Agora virou moda falar sobre a Bolívia. Um país que chama a atenção pelas notícias sobre o tráfico criminoso de cocaína e por outros fatos curiosos como o dos cinco presidentes que se sucederam num espaço de quinze dias.

O exercício do apoio mútuo, típico das tradições indígenas agrupa os componentes de uma comunidade frente às suas necessidades de sobrevivência, ampliando-se via a formalização do "ayllu". O "ayllu" é uma organização regional que pode atingir mais de uma comunidade camponesa, onde se divulgam todos os problemas que devem ser enfrentados através da unidade total dos trabalhadores.

O funcionamento do "ayllu" está fundamentado então na prática de assembléias nas quais participam homens e mulheres com voz e voto.

Foi a persistência destes costumes através dos tempos, que se acredita que tenha surgido o sindicato na Bolívia. Uma forma moderna e evoluída do "ayllu", que possui o seu espírito associativo, assembleário e de apoio mútuo.

Em alguns sindicatos da mineração privada é espantoso ver a naturalidade com que os trabalhadores exigem que se façam assembléias gerais para se discutir qualquer problema.

É possível que se perguntar mos a alguns companheiros trabalhadores sobre as vantagens desse modo de desenvolver sua organização, eles não façam um belo discurso racionalista tão ao prazer dos "lógicos", mas seu "deve ser assim" transcende uma experiência vivida durante séculos, de uma sociedade primitiva e agrária, nucleando-se comunitariamente para sua luta pela vida. Para manter um equilíbrio de respeito — igualdade que obstaculize a dominação e a exploração, se torna válida a forma organizativa que, como o "ayllu", mantenha a pessoa humana nos seus sentimentos e juízos, guiados sempre pelo bem comum.

ORIGENS DO SINDICALISMO NA BOLÍVIA

Na Bolívia, como nos demais países da América Latina, foi a atividade dos anarcosindicalistas que conseguiu a formação dos primeiros sindicatos. Estes surgiram entre os artesãos, num primeiro momento, depois foi a vez das minas, da construção, das fábricas e dos trabalhadores rurais.

Entre os companheiros que mais contribuíram à expansão dessa forma organizativa, está um homem de origem camponesa, Luiz Cusicanqui, que, como tantos outros, pagou com anos de exílio, sua audácia militante.

No ano de 1947, se chegou a um tamanho grau de desenvolvimento da organização sindical camponesa no departamento de La Paz, que surgiram margens para que se organizasse então a Federação Agrária Departamental, que junto com a Federação Obreira Feminina e a Federação Obreira Local de La Paz, constituíram os marcos da atividade dos anarcosindicalistas bolivianos. No 1º de maio de 1948, eles produziram nessa cidade uma grande manifestação, cuja quantidade de assistentes e combatividade dos mesmos, mostrando a todos seu jornal "Tierra y Libertad", fizeram tremer os círculos reaciona

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

rios como o dos donos latifundiários da Sociedade Rural Boliviana.

Reconhecendo seus temores e calúnias, o governo de Hertzog, representante da oligarquia do país, desencadeou uma violenta repressão que encarcerou centenas de companheiros, principalmente camponeses, sendo que para três deles se pedia a pena de morte. Foram salvos pelo levante popular de 1952, que significou um passo adiante, embora o Partido Nacionalista Revolucionário (MNR) tenha expropriado essa manifestação popular rebelde e, no plano sindical, tenha neutralizado os sindicatos onde existia implantação de ideais libertários.

Isto fez com que os militantes libertários escolhessem entre ficar marginalizados do movimento sindical e assumir uma crítica posição alienada ou militar sindicalmente outra vez. Foi o que aconteceu. E daí, nasceram focos de referência rebelde que fizeram da Central Obreira Boliviana (COB) e em especial da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), verdadeiras trincheiras da vontade de protestar e de mudanças que, através dos anos, foi ampliada pela experiência vivida e sofrida.

CARACTERÍSTICAS DAS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS

Um dos marcos da atividade sindical na Bolívia é o Controle Obreiro com Direito a Veto da Federação de Mineiros e do Plano de Cooparticipação Administrativa da Corporação Mineira da Bolívia (COMIBOL) — empresa das minas nacionalizadas. Plano que tem uma nítida orientação à autogestão trabalhadora.

Considerando que as primitivas povoações aymaras tiveram que recorrer naturalmente à ajuda mútua para sobreviver às duras condições climáticas no altiplano e à natureza hostil, acreditamos que o fato de enfrentar o meio e fazê-lo com base no apoio mútuo, deixaram impressos nos camponeses bolivianos claras e profundas tendências a:

a) encarar seus problemas frontalmente, procurando dispensar os intermediários;

b) fazê-lo em função permanente de buscar e alcançar a associação de seus semelhantes.

O desenvolvimento durante doze anos do citado Controle Obreiro com Direito a Veto foi um passo esclarecedor para que no ano de 1971 fosse possível elaborarxum Plano de Cooparticipação rar um Plano de Cooparticipação Administrativa da COMIBOL. É bom lembrar que o Controle Obreiro com Direito a Veto significou a possibilidade de abrir caminhos para que resultasse consciente a decisão de conhecer e poder intervir na administração das empresas mineiras nacionalizadas.

A independência sindical de todos os partidos políticos e do governo é uma exigência de todos os trabalhadores, quando dirigentes sindicais com excessivo partidarismo querem arrastar a organização nas suas gestões de partidos. Porém estas tentativas sempre foram infrutíferas pois as bases são independentes no sentido de que não pertencem a nenhum partido.

Mesmo quando o MNR manteve durante algum tempo seu peso partidário sobre alguns dirigentes, as bases sempre mostraram seu anti-oficialismo que fez concreta a afirmação de independência sindical.

A democracia sindical está apoiada na referida virtude do assembleísmo que exige sempre como máxima instância a discussão aberta que permite a todos expor suas opiniões.

Quanto à unidade sindical, como dado demonstrativo, afirma-se que desde a fundação da Federação dos Mineiros em 1944, ninguém conseguiu dividí-la. O mesmo aconteceu com a Central Obreira Boliviana, fundada em 1952. Isto constitui também um motivo para estudo de investigadores sociais. Se nas organizações sindicais há a presença de todos os partidos de esquerda que mantém uma luta de posições sectárias, por que eles nunca afetaram a unidade da organização? As lutas do movimento sindical são unitárias ao passo que os partidos, apesar da identificação na raiz ideológica teórica, se dividem em outros.

O movimento sindical boliviano fez do sindicato algo mais que um meio de conseguir melhores níveis econômicos e de vida. Os sindicatos responderam também a outras necessidades. Tornaram-se instrumentos políticos de manifestação de lutas e conquistas no terreno da convivência nacional. A Central Obreira Boliviana foi a

porta para se lugar por uma democrática sem exploradores nem explorados.

PLANOS CULTURAIS

No ano de 1956 se toma uma resolução chamada Resolução Cultural. Nela, os trabalhadores se conscientizam que devem, além de lugar por melhores condições de trabalho, se esforçar para "elevar el nivel de sus ocupaciones y preocupaciones espirituales". Assim, abriu-se caminho para que a organização sindical promovesse atividades artísticas e culturais, que exaltassem o sentimento de solidariedade. E tais eventos culturais deviam e eram realizados pelos próprios trabalhadores.

Logo se organizaram, por parte dos sindicatos, as emissoras de rádios culturais de propriedade desses sindicatos, mas que naturalmente também cumpriam as funções de meios de comunicação, cuja produção era do controle dos trabalhadores.

Em 1963 se chegou a contar com o trabalho de 23 dessas emissoras que, especialmente durante os conflitos de classes, estabeleciam à Rede Nacional de Emissoras Mineiras. Pela força do exemplo, juntaram-se a essa rede as emissoras do setor fabril, de construtoras e ferroviários.

No golpe de 1980, as ordas militares destruíram essas emissoras com explosivos. Como isso já aconteceu em repressões anteriores, certamente quando essa ditadura narcomilitar for derrubada, as rádios-transmissoras voltarão a funcionar.

A citada Resolução Cultural realizou também conferências culturais da Federação dos Mineiros. Assim foram se estabelecendo planos culturais que serviram de modelo para que a COB elaborasse um plano maior em 1979.

A base fundamental desse plano está no reconhecimento de que a classe dominante exerce um desvio dos gostos e vontades humanas, através da educação, dos meios de comunicação e da comercialização artística. Isto constitui uma cultura de opressão, a qual os trabalhadores devem opor uma cultura de libertação.

Para isso, é necessário procurar mudar nos trabalhadores a condição de espectadores, consumidores passivos de fatos artísticos e culturais, pela condição de criadores de todos esses mesmos fatos.

O CONTROLE OPERÁRIO

Juntamente com a nacionalização das minas em 1952 pelo governo do MNR, abaixo das pressões dos mineiros, se estabeleceu o Controle Obreiro com Direito a Veto que se concretizou com a eleição de representantes das bases, eleitos em assembléias gerais.

O exercício desta conquista durou onze anos. Isto fez com que os trabalhadores adquirissem conhecimentos gerais da parte administrativa da empresa e ficassem alertas ao crescimento desmensurado da burocracia. Adquiriram também consciência da sua força e valor, e ainda uma interpretação da realidade que sempre os oprimiu.

A COOPARTICIPAÇÃO

Em 1971, com a COMIBOL no caminho da falência, os partidários propunham que se entregasse as minas aos consórcios estrangeiros. O golpe facista de Banzer no mesmo ano, veio freiar o que poderia ter sido uma experiência na direção da autogestão trabalhadora.

O plano de cooparticipação foi discutido em assembléias gerais em todas as minas nacionalizadas. O amplo debate que caracterizou estas assembléias, demonstrou que os trabalhadores estavam preparados para assumir a administração da COMIBOL, que exportava minerais por quase 80% das exportações bolivianas.

OS GOLPES MILITARES

Os trabalhadores sabem que suas conquistas terão de ser afirmadas em vários níveis.

Níveis estes de preparação cultural, ideológica, orgânica, e também afetiva, uma vez que todas as repressões sofridas com torturas e massacres são obras violentas das forças armadas da Bolívia. O exército boliviano é recordista de que dos 156 anos de vida "independente" como nação 112 foram governados pelos militares. E o número de golpes militares que o país sofreu já chega aos 198, ainda que outros assinalem que já se perderam as contas.

Aquilo que é permanente, que os governos militares não eliminaram é a vontade de liberdade e justiça que alenta nos sofridos trabalhadores do campo, das minas e da cidade. A única organização que eles reconhecem é a COB, com suas normas de luta: assembleísta, independente, unitária e democrática.

Apesar da ditadura sangrenta, o sindicalismo boliviano é ainda e, cada vez com mais intensidade, o caminho fecundo para o desenvolvimento da esperança de alcançar um mundo em luta contra toda a forma de opressão e exploração.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O INIMIGO DO REI

MOTORAS: A GREVE QUE NÃO SAIU

JORGE FRAGA/RS

O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transporte Coletivos de Porto Alegre, promoveu uma greve reivindicando melhorias salariais para toda a classe (motoristas, cobradores e fiscais). Nada de novo até aí em se tratando desse assunto. Mas o fato que chamou mais a atenção, foi a intenção mais descarada e despudorada dos participantes da mesa da assembléia que, inesperadamente, mudaram de rumo as propostas e deliberações já tomadas anteriormente. Naturalmente que os rumos são conhecidos e eles levam até a casa do patrão, que saiu mais fortalecido que antes. Sua austeridade ganhou força, e promete não ceder um milímetro das suas condições para uma improvável negociação.

No palco (pois ela foi realizada em um teatro) reinava a maior baderna já vista em evento deste tipo. Até ovo podre sobrou para um dos que estavam na mesa. Tinha de tudo. Milico disfarçado de motorista então, era o que mais abundava. Essas figurinhas caricatas, eram vistas nos lugares mais "reconditos" da assembléia.

Para não seguir mais descrevendo as pessoas pouco gratas que estavam ali presentes, a confusão que iniciaria e não pararia mais, começou quando um dos participantes da mesa, anunciou que a greve que estava marcada para às 0:00hs do dia 26 de julho, portanto segunda-feira, não sairia mais. O descontentamento,e outra coisa não se poderia esperar, foi geral e uníssono. As novas propostas apresentadas, eram deliberadamente cafagestes, procurando colocar em choque entre si, os integrantes da classe, parcamente organizados. E que propostas!! A primeira, era de se fazer a tão conhecida operação tartaruga, para "matar o patrão no cansaço", muito embora eles saibam que patrão algum jamais morreu de cansaço.

A segunda era de fazer a greve branca, qual seja, levar os passageiros e não cobrara as passagens. A assembléia toda chiou. Os cobradores não aceitaram a proposta receando serem despedidos com justa causa por serem eles os responsáveis pela grana. Os motoristas, por sua vez, recusaram-se a aceitar a operação tartaruga, pois a responsabilidade dos horários dos ônibus era deles. Ou parava tudo ou não se fazia nada. Optaram pelo último. A mesa da assembléia, lançou dessa forma, a semente da discórdia entre cobradores, motoristas e fiscais. Daí em diante, não se pôde fazer mais nada para que a greve continuasse em pé. Como não chegaram a acordo algum, foi marcada uma nova assembléia para a seguinte terça feira.

Agora os trabalhadores não sabem o que fazer ou a quem recorrer. A pelegada conseguiu enfim o que queria. Desvirtuar a idéia de parada geral e enrolar todo mundo.

Ficou claro e evidenciado nesse jogo, a intenção da direção do sindicato e dos representantes da intersindical. Boicotar o movimento de uma classe numerosa como a dos motoristas e cobradores e seguir manipulando como é do feitio de algumas entidades (leia-se direções). Gente suficiente para tomar uma decisão autônoma havia. Prova está que as duas propostas apresentadas foram repudiadas pelos que lá estavam.

A decisão do presidente do sindicato da classe, foi autoritária e anti-democrática. Manobrou até o fim e a questão foi levada até a Praia de Belas (local da Delegacia Regional do Trabalho).Nesse local de nome bonito, foi decretada a morte do movimento. Há que se dizer, que os trabalhadores foram representados (juridicamente) pela intersindical. O papel deles foi regiamente representado. Saiu um acordo que agradou mais aos patrões que aos empregados. As passagens subiram em 30% e quem perdeu com isso foi conjunto da população. E a inflação logo logo vai engolir o pequeno aumento conseguido.

GREVES SELVAGENS ESPANTAM PELEGOS

coletivo libertário oposição sindical/RJ-SP

As primeiras greves a surgirem no mundo apareceram por volta de 1795 em França. Estas greves reivindicavam melhores condições de trabalho e melhores salários. Surgiram num momento em que os burgueses (da Sociedade dos Jacobinos) tendo estabilizado seu próprio projeto revolucionário destruia, a passos largos, as conquistas populares – entre as quais as sociedades populares –. Essas greves selvagens foram a primeira forma política de intervenção de uma nova classe que surgia: o operariado. Através destas greves o proletariado conquistou a um só tempo a liberdade de associação e o direito de greve.

Durante o século 19 a luta social ganhou vulto e as tantas insurreições esmagadas pela força das armas, lavadas em sangue, não conseguiram arrefecer a luta dos oprimidos. Na Inglaterra os operários fortemente organizados em sindicatos (trade-uniões) criam a partir deles o Partido Trabalhista. Na Alemanha é criado o Partido Social-Democrata. Mas é na França onde, em 1848 e 1871, as massas populares se insurgem realizando a Comuna de Paris – primeira grande demonstração do exercício do poder operário. É dentro desta tradição de luta na França, em que nenhum partido consegue crescer, que se desenvolveu a tese da greve geral insurrecional – combatida pelos adpetos da ação política (entre eles Engels, um dos fundadores do socialismo dito científico). Ora, essa contraposição não é a greve política X greve não política, mas sim: a ação política sendo tomada diretamente pelos trabalhadores ou através de um partido político que os representaria. Vemos hoje no que deu a tese de Engels, teórico da social-democracia alemã, hoje no poder.

O próprio 1º de maio, dia de afirmação da luta de classes que separa patrões e trabalhadores. O 1º de maio, carregado de significado político, não é mais que resultado de uma greve: Chicago, 1886. As reivindicações eram: 8 horas de trabalho diárias, descanso semanal, higiene e segurança nos locais de trabalho e liberdade de organização. Cinco trabalhadores são julgados e assassinados. Os assassinatos, assim como a greve, foram políticos. Os mártires de Chicago não eram ligados a partidos e sim anarquistas, adeptos da greve geral, por isso foram mortos.

Em 1905, a greve geral dos trabalhadores nas principais cidades russas que criou o primeiro soviet (conselho operário), não a conteceu por obra de nenhum partido político. E, em fevereiro de 1917 foram os próprios trabalhadores que com a sua greve geral derrubaram o Czar e retomaram a experiência dos soviets – instrumentos de seu poder.

AÇÃO POLÍTICA – AÇÃO DIRETA

Os exemplos são inúmeros. A lição uma só: a greve, enquanto ação de classe, sempre foi política. É claro que o capitalismo tenta absorver as greves e restringi-las através de acordos. Isso através da absorção – como parte do Estado Burguês – da organização proletária: os sindicatos.

Hoje aparecem aí alguns "dirigentes" falando em greve política. E o que seria isso? De acordo com seus proponentes seria uma greve com objetivos políticos (direção) e/ou que se utilize de meios políticos... Restringir dessa forma a greve é não assumir o caráter de classe da greve em si. Falar em greve política é hoje um dos tantos enganos pelo qual a esquerda brasileira tem o dom de criar a teoria da teoria. Para quem se apóia na história essa questão não se coloca.

A greve não é política por uma característica isolada, mas pela sua totalidade e interação: pelo fim que procura, pelo consenso que lhe preside, pela organização, pela forma em que se dá a participação, pela disciplina que revela, a greve surge como um fenômeno original. Na medida que prefigura uma nova sociedade igualitária, libertária e autogerida ela é revolucionária.

A greve selvagem é a greve de ação direta, a greve que escapa ao controle do aparelho sindical, pois o poder está nas mãos do peão. A greve por si é sempre selvagem (e política). Pode assumir formas diferentes, irclusive a greve de ocupação revolucionária de fábrica. Só deixa de ser selvagem quando é decretada por fora dos locais de trabalho, no interesse do aparelho sindical, dos partidos ou das "lideranças iluminadas". Mas aí perde o caráter de classe, são apenas pessoas que deixam de trabalhar.

E AGORA, PRÁ FRENTE BRASIL

Hoje vemos as greves ressurgirem espontaneamente. Desde 78. Algumas especialmente ficaram em nossa memória pela violência que lhes marcou, pela organização que demonstraram... As greves da Construção Civil em Belo Horizonte e Porto Alegre. Os metalúrgicos e os bancários de São Paulo. Todas em 79. A greve de 1980 em São Bernardo. Ainda o quebra-quebra em Salvador... Mais recentemente a Fiat e a Ciferal no Rio; a Máquinas Piratininga, Brastemp e Coferraz em São Paulo; a Petroquímica no Rio Grande do Sul. Assim os operários demonstram sua fibra e desenvolvem seu processo de organização.

Os que contrapõe às greves selvagens – espontâneas, de ação direta – a uma greve política, o fazem por não acreditar que os trabalhadores são capazes de assumir o caráter de classe que as greves implicam. Os que pensam assim não passam de jacobinos tupiniquins que ao tomar o poder não vacilarão em baixar o sarrafo no peão que vá a greve na defesa de seus direitos (Vide Polônia).

E, aos que contrapõe à greve (espontânea) a greve "responsável", estes fazem o jogo da burguesia. Traem a classe que dizem representar e defendem os interesses dos patrões. Na prática tanto eles – a Comissão Sindical Única, o Partido comunista, os pelegos: tipo Joaquim dos Santos Andrade ... – querem, como os patrões, impedir que os trabalhadores lutem. São inimigos dos trabalhadores.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

FECHANDO TODAS

Neste ano eleitoral, é muito importante que se faça um levantamento do papel que o parlamento tem representado para os movimentos sociais do Brasil. Se uma farsa ou, realmente, de algum valor, só a consciência histórica de cada um poderá afirmá-lo.

Pelo que tem sido mostrado, a delegação de poderes a outem para representar os nossos anseios, não tem dado muito resultado. Vide as palavras de ordem dos movimentos populares no início do século e as de hoje. As mesmas. Material para pesquisa é que não falta.

Quando Proudhon disse que não delegaria poderes a ninguém não delegaria poderes a ninguém para governar em seu nome (ou qualquer coisa parecida) não o fez por mero capricho, mas sim, pela constatação histórica da relação de dominação entre os homens desde os primórdios da dita civilização humana.

A idolatria, a formação de deuses terrenos que se tornam tão abstratos quanto as abstrações anteriores, por preservarem a relação de dominação, são constantes na nossa história.

Na Revolução Francesa, em nome da liberdade e igualdade, repete-se o fato, luta-se contra um repressor e educa-se outro no lugar. Na grande revolução proletária de 17, derruba-se um capitalismo principiante e indecente e coloca-se um partido centralizador e manipulador do senso comum que logo inicia sua escalada para a repressão.

A base do poder está na estagnação do pensamento num nível qualquer e a imposição desss pensamento a outros. É a base do poder de dominação é o erro maior de grande parte da vanguarda revolucionária, que quer revolucionar impondo uma maneira de pensar por caminhos pré-estabelecidos e limitados por um centrlismo. Os indivíduos, assim, são obrigados a entregar seus pensamentos em nome liberdade e expressão e criação vão para as cucuias.

De que adiantaria uma nova sociedade se não nos é permitido transcender a ela?

Ora, o pensamento e o seu confronto com a realidade são princípios indispensáveis para a evolução mental e a transformação da sociedade, do relacionamento entre os indivíduos.

A prática voltada para a massificação de uma idéia (e não para o florescer, a explosão de novas outras), faz-se presente em diversas alas da famigerada esquerda. Combater o facismo com prática fascista é contradição facilmente constatadora.

Fazer valer o espírito libertário da criação que está encravado no âmago das pessoas é o que garantirá qualquer transformação na face da terra. As práticas que limitam o indivíduo, tornando-os passivos e descrentes da possibilidade de decidir e dar opiniões (entre elas, o voto) tem que ser desmascaradas e para isso existem os anarquistas, que não devem se enclausurar em devaneios intelectuais e partir para uma luta diária coerente com suas idéias para uma real revolução.

Beijos. Salsa /83

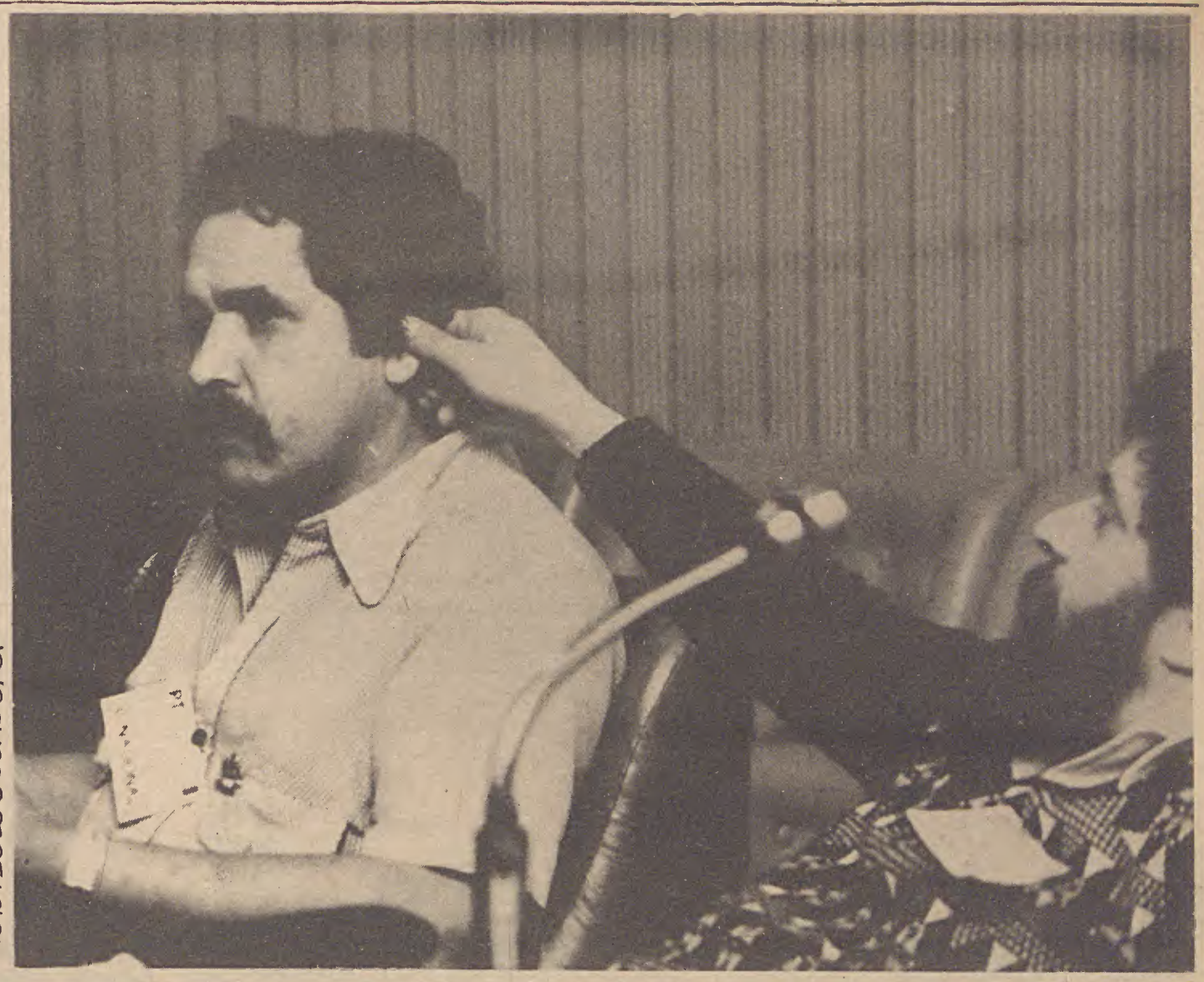


foto: Jesus Carlos/SP

abertura política: o álibi que deu certo

Jonas/83

O que vem a ser, essencialmente, a abertura política proposta pelo presidente da República? O Primeiro passo na longa e árdua marcha para a democracia? Não, claro que não. A abertura é fruto das pessões de grupos econômicos externos descontentes com a conjuntura política do país. Em outras palavras, interesses econômicos e portanto políticos, não satisfeitos com a partilha do Poder central. As pressões desses grupos, fortes e com poder também, desencadeou o processo de abertura irreversivelmente. Acontece que quando o governo percebeu que a abertura era inevitável, ele tratou de fazer dela um instrumento para sa vangloriar de benefícios cedidos ao povo. É a "mão estendida" do planalto. Essa dita abertura é um álibi do governo para se perpetuar no Poder.

Toda a denúncia ou acusação que se faça contra o governo, recebe uma resposta que enaltece sempre a abertura política; isso quando a resposta não é o enquadramento na LSN (Lei de Segurança Nacional). Os políticos partidários do governo recorrem à abertura, colocando-a como um ato corajoso do presidente Figueiredo, que levará o povo brasileiro à tão sonhada democracia.

Isso não é de espantar, vindo da parte deles, enquanto cúmplices de todas as injustiças sociais que estão aí. O pior de tudo é que a chamada "esquerda" brasileira assimilou esse tipo de discurso. Sempre que alguém considerado de esquerda no Brasil é indagado sobre seu trabalho, seja um artista, um militante político, um escritor, um jornalista ou qualquer outra coisa, ele cita a abertura política como fator significativo em sua atividade. Isso não existe. É preciso que se abra os olhos para essas coisas.

A abertura política é uma farsa, um verdadeiro álibi elaborado pelo governo para que este continue no Poder. Se a esquerda do país reconhece-a, melhor para o governo. Acontece aí, o que sempre ocorreu com o proletariado na luta de classes. Os trabalhadores encaminham suas lutas e reivindicações da mesma forma que sempre foram explorados, ou seja, assimilando o discurso da classe dominante. Pela mesma forma que foi e é oprimido, o proletariado sempre buscou e ainda busca se libertar. A história das formas sempre foi discriminada, seja em que caso for. Este é, com certeza, um dos motivos das ferrenhas brigas entre Marx e Bakunin, na Internacional.

Mas o que é a abertura política, realmente? É o nu frontal nas pornochanchadas da boca do lixo, é a liberação de filmes políticos, mas com cortes de cenas ou legendas, é a anistia, que jamais foi ampla geral e irrestrita, são cantores proibidos de se apresentarem em público, é a pseudo liberdade de imprensa? Com relação ao caso da imprensa (e outros) acontece o seguinte: antes da abertura você não podia falar tudo o que desejasse e agora você pode, mas corre o risco de ser punido. Trata-se de uma mera mudança de estratégia repressiva. Passamos da proibição para a punição.

O que mais nos trouxe a abertura? O pluripartidarismo. Mas ele é ótimo para o governo. Com as oposições divididas é muito mais fácil vencer as eleições, sem falar nos pactos eleitorais que sempre beneficiam a situação, uma vez que feitos única e exclusivamente por ela.

E as eleições diretas? As eleições são uma agressão para com o povo brasileiro. É um insulto para qualquer cidadão de qualquer país. Votar é obrigatório e isso é arbitrário. Na verdade, votar significa eleger alguém que vai falar por você, que vai mandar em você muito mais que atender suas necessidades. Votar é desvalorizar nossa própria autonomia de fazer as coisas por nossas mãos. Por fim, votar é alimentar esse ciclo vicioso que tem por fim último o Poder estatal estabelecido sobre uma multidão inteira.

Aqui, mais uma vez o discurso do Poder é assimilado, quando todos os interessados nas eleições dizem que o voto é a única arma do povo. O povo é a única maneira de fazer a oposição chegar até o Poder ou preservar a situação nesse mesmo Poder.

A oposição partidária não é o povo. A situação jamais o foi. O povo é o povo. As vantagens da classe trabalhadora (que já não são muitas) como a jornada de oito horas, o direito à aposentadoria, tudo isso são conquistas muito suadas e não presentes de uma "mão estendida".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O magistério gaúcho passa por uma situação de refluxo e de perplexidade dos seus dirigentes pois não existem possibilidades de motivar novamente os professores após o rotundo fracasso do movimento em 82. Não existem caminhos, canais de mobilização que possam trazer os professores à luta após o insucesso deste ano.

Devemos levar em consideração no movimento do magistério a posição que se encontra o governo, em plena crise econômica e com uma proposta de "a abertura política como forma de afrouxar a pressão social decorrente da crise.

O movimento se deflagra no momento em que outros segmentos da classe trabalhadora começavam a se organizar.

Até o desencadeamento do movimento, o governo tinha uma posição paternalista em relação ao magistério e solicitava a todo instante "abnegação", "sacrifício"," sacerdócio" e tantas outras palavras usadas para impedir o profissionalismo desta classe e sua organização.

No instante que o magistério se conscientiza da necessidade da sua profissionalização, de ser encarada como uma classe trabalhadora como outra qualquer, ocorre uma quebra deste relacionamento paternal com o Estado e este passa a agir como pai ultrajado, ofendido e passa a atuar no 1º instante com uma certa tolerância para após agir com todo o seu autoritarismo e força.

Faz ameaças com demissões em massa e assim atemoriza uma classe sem tradição de luta, provocando um recuo.

O que o governo consegue com isso é, além de amordaçar o movimento do magistério, com isto dar exemplo para as outras classes trabalhadoras que começavam a se movimentar, de sua força.

O refluxo do movimento é decorrete também desta atuação do governo, pois a classe vacila no confronto direto e recua, face a sua inexperiência.

Mas o que aconteceu VERDADEIRAMENTE para se chegar a esta situação?

Quando do movimento grevista de 1981, havia em todos os professores uma grande certeza de sua força, pois embora as ameaças governamentais o magistério mantinha-se coeso e certo do que queria.

Mas aí acontece a fatídica assembléia que decide o rumo das coisas.

Esta assembléia que ocorreu no "gigantinho" foi decisiva e explica esta situação que estamos vivendo.

O magistério reunido vai decidir a sua sorte e aí entrega à sua luta a um "comando" que passa a negociar com o governo. Este "comando" assutado com as pressões oficiais e como toda "entidade" atrelada, se comporta "pelegamente" aceitando o que tinha proposto o governo, e sob meias verdades impede o avanço da luta.

O despreparo era tão grande deste "comando" que ele não soube avaliar a real força que tinha e não inverteu a correlação de forças que naquele "momento" poderia acontecer.

Esta assembléia não deveria decidir nada, mas decidiu.

E de quem é a culpa?

O "comando" alegou que o "clima" da assembléia fez com que eles resolvessem votar as propostas, quando a decisão anterior deste mesmo "comando" era não votar nada e sim estudar as propostas apresentadas e em nova assembléia, após a discussão da classe, votar.

O magistério acha que foi traído e com justa razão.

Após esta assembléia o próprio comando "implode".

A partir daí, 1982 passa a ser o ano marco da esperança do magistério.

Mas novamente a direção da entidade se coloca atrás da classe. Novamente o avanço do movimento da classe é impedido pela atuação de uma classe dirigente "pelega".

O CEPERS não mobiliza, passa o ano todo "interiorizando-se" ou seja, atuando de forma aleatória face a situação, levando propostas demagógicas ao interior, não organizando-se, impedindo a organização da classe em núcleos quase autônomos que discutiriam com maior número de professores levando o poder de decisão a quem de fato o deve ter.

Percebendo tudo isto, sentindo que a força dos núcleos poria em perigo à atuação da própria direção, centralizadora e reacionária, o CEPERS impede a atuação dos núcleos desmobilizando mais ainda a classe.

A insegurança toma conta de toda a classe.

A assembléia que houve no "gigantinho" em 1982 e que deixou a mostra a debilidade não só da classe, mas sim de quem a "comandava", deve ser avaliada com clareza.

Quem levou a classe a decisão de fazer uma paralisação de 5 dias como forma de protesto, foi este comando e quando face as ameaças este próprio comando volta atrás, pois o "patrimônio" da classe que seria a sede do CPERS, estava ameaçado, mostra novamente a sua debilidade e a classe sofre nova traição.

O QUE O MAGISTÉRIO GAÚCHO PODE RETIRAR DISTO TUDO?

Que não se deve entregar a própria luta a "dirigentes" de espécie alguma sejam eles da situação ou não.

A própria classe tem condições de autogerir a sua luta, concentrando-se nos seus núcleos e não delegando poderes de espécie alguma.

Evitar qualquer tipo de "comandos" mediadores e sim discutir as propostas nas escolas, nos núcleos e decidi-las sempre em assembléias (amplamente divulgadas e preparadas).

Desta forma, a entidade de classe estaria sempre preservada classe estaria sempre preservada de interesses alheios à classe, não havendo traição de espécie alguma e o avano da classe não terá como único responsável a própria classe.

E A OPOSIÇÃO? (esquerda oficial)

A oposição ao CPERS também encontra-se caótica pois suas debilidades e vacilações confundem a classe, ora apoiando a direção, ora "baixando" o pau na direção do CPERS, vê-se sempre num impasse, pois este impasse nada mais é do que a necessidade do "PODER".

O que a oposição está fazendo é unicamente lutar pelo Poder, marcar posição como oposição fazer-se "reconhecer como" com fim unicamente "eleitoreiro". O trabalho com a classe foi esquecido.

E O CPERS HOJE?

O CEPERS encontra-se hoje descaracterizado, desacreditado como entidade dos professores.

Não há crédito em suas atividades.

Sabe-se que o CPRS passa atualmente, por uma atuação a nível politico-partidário de obediência servil ao PMDB, pois seus mandatários concorrem a cargos nestas eleições e usam o CPERS como veículo de propaganda.

A oposição por sua vez constrói-se no PT.

A entidade de classe está esquecida e o que interessa é a manutenção de sua estrutura centralizadora.

A prova disto está no seminário que foi proposto, pelo entidade, onde só participaram delegados eleitos antecipadamente, em reuniões chamadas de pré-seminários.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

Porto Alegre,

É com a mais grata satisfação que me dirijo ao nobre professor, para comunicar que, de parte do Senhor Governador do Estado, cada Deputado recebeu 10 contratos, através da Secretaria de Educação, para atender pedidos recebidos.

Após um levantamento criterioso dos pedidos registrados em meu gabinete, apraz-me informar-lhe que seu nome foi relacionado entre os 10 escolhidos, conforme cópia xerox em anexo.

O referido contrato deverá ser liberado brevemente, e sua contratação efetivada, de acordo com instruções recebidas da Secretaria de Educação.

Com o meu cordial abraço,

Deputado GUIDO MOESCH.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Este seminário teve como fim específico a avaliação do movimento de 82. Mas quem quer ser avaliado não deve estabelecer número de delegados e sim propor uma discussão ampla com toda a classe.

O conselho de professores mantém-se fechado mesmo que atualmente exista um esvaziamento deste, e a participação dos outros professores interessados não é permitida (levando por conta sempre o espaço físico como empecilho para a ampliação da participação).

Dentro deste contexto, com a questão econômica, que era o carro chefe das outras reivindicações políticas, sendo derrotada o que resta ao magistério?

Como conduzir as questões políticas, como eleição de diretores com a participação não só dos professores mas também da comunidade? Como conduzir a questão do ensino gratuito? E da intervenção e decisão nos currículos?

E como agravante a direção do CPERS coloca-se publicamente contrária a participação da comunidade na eleição de diretores nidade na eleição de diretores (ainda não é o momento?). E aí?

O mais importante neste momento é o magistério se conscientizar de sua força e retomar o movimento em suas mãos e a partir disto se conduzir novamente, sem "pelegos", sem dirigentes, por seus próprios meios, aliás este é o passado das lutas e do movimento dos trabalhadores do mundo inteiro e foi assim que se contruiu sua força.

MAIS UM GOLPE DO GOVERNO? OU O TIRO QUE PODE SAIR PELA CULATRA.

Neste momento mais um golpe (ou não?) se abate sobre a nossa organização pois o governo levando a risca a sua promessa de intervenção econômica, não renova o contrato com o CPERS para o recolhimento na fonte das mensalidades devidas pelos professores à entidade.

Esta atitude visa impedir não só que o CPERS se organize como entidade combativa mas impede também a sua atuação político-partidária, tendo em vista o já citado compromisso de muitos dirigentes com o PMDB (se fosse PDS ficaria tudo bem).

Ao findar o contrato para recolhimento das mensalidades o governo estipula uma cláusula nova para a sua renovação e esta cláusula estabelece que o balanço anual do CPERS deve passar pelo crivo do Estado.

Desta forma a entidade que é independente (???) sofreria uma ingerência e ainda um controle sobre o emprego de sua verba. Claro que a direção não aceitou as novas bases para a renovação pois teria, segundo denúncia do PT, que justificar para a classe o desvio de verbas para a campanha do PMDB, onde se inclui a compra de um apartamento em Osório que serva como base para a campanha do Sr. Hermes Zanetti, e o pagamento de mais um salário para um dos nossos dirigentes a fim de organizar a campanha deste (que não deixa de ser uma versão muito moderada da esquerda tupiniquim para fazer frente às "mordomias" oficiais do partido governista e um incrível oportunismo eleitoreiro do PT, que num momento destes, faz este tipo de denúncias).

Do governo estadual só poderíamos esperar mais repressão.

Este aviso de intervenção econômica já tinha sido feito em março, e qual foi a atitude da diretoria do CPERS? Não se mobilizou, ficou mais uma vez esperando, não sei o que.

Fica clara a política do "deixa estar pra ver, como é que fica".

No momento em que sofre a intervenção procura de todas as maneiras propagandear esta ação governamental como forma de se mostrar mais uma vez como "entidade pressionada, castrada", e o que é mais interessante procura de todas as formas continuar atrelada ao oficialismo se comportando como qualquer outro sindicato oficial. (Enquanto que os arautos do PDS na nossa imprensa ficam provocando a desmoralização da entidade, comprometendo-se publicamente para que assuma est blicamente para que assuma esta nova situação, é evidente que esta não é a intenção do governo que só está procurando domesticar os professores daí a necessidade de desmistificá-la como entidade de classe.)

cpers
o golpe do amaralzinho pode sair pela culatra

Betinho/RS

Com esta forma de atuar da diretoria do CPERS nos deixa dúvidas quanto a sua real importância (enquanto dirigentes) para o magistério.

PORQUE O INTERESSE DE FAZER O JOGO DO AMARAL? Continuar atrelado mansamento ao governo?

Por que não se dá um passo a mais na construção de um verdadeiro sindicato combativo e atuante?

A hora seria esta, pois desvinculando-se do governo achando uma forma que deveria ser discutida por toda a classe, para a arrecadação das mensalidades, teríamos aí sim um sindicato combativo, organizado em todos os setores, aliados a uma independência econômica e administrativa.

E nossos representantes o que fazem???

O mais importante para a "nossa classe dirigente", no momento parece ser a manutenção do CPERS atrelado ao governo estadual. Nem parece ser uma das maiores entidades de classe da América Latina, no sentido material e pelo fato de serem 60.000 filiados. Fica claro o seu sentido retrógrado pois impede o avanço da classe trabalhadora, com sua política imobilista, conciliadora com a burguesia nacional e atrelada não só ao oficialismo mas também à estrutura partidária afirmadora do sistema, que está aí.

O seu compromisso com a classe é visível. À preservação dos interesses pessoais também. Assim como o seu descompromisso com o momento histórico em que vivemos.

E OS DEMAIS O QUE FAZEM?

Para quem não está vinculado tanto à situação como à esquerda oficial, resta procurar uma nova alternativa junto aos professores não engajados a estas duas correntes e preocupados com que aconteça um avanço geral da luta dos trabalhadores.

Esta iniciativa pública de divulgar este documento, assim como a denúncia a todo instante das vacilações do CEPERS e da classe passam a ser importantes. Impõe-se a fiscalização das atuações se a fiscalização das atuações não só da direção como do próprio governo.

A interpretação dos interesses do Estado deve ser feita e discutida, entre todos. Para isto coloca-se a necessidade de organizar grupos que atuem em meio ao movimento, colocando estas questões e outras que venham a surgir. Grupos estes que, dada ao seu caráter poderão influir no rumo dos acontecimentos e devolver a classe o seu poder reivindicatório. Grupos que inclusive poderiam abordar outras questões que perpassem o próprio movimento social.

É importante que estas questões surjam das mobilizações da classe e real com suas possibilidades, evitando a sua manipulação por interesses ligados ao Capital e o Estado.

O QUE É O MAGISTÉRIO HOJE?

Como está a classe atualmente inserida no contexto social, o que é o magistério hoje, saber isto é de suma importancia. Também é importante não isolar o CPERS do contexto nacional pois estas medidas repressivas ao magistério são de âmbito nacional.

O atendimento das reivindicações em parte pelo governo impedia a sua mobilização concreta e a medida que esta passa a se efetivar ocorre uma nova tomada de posição pelo governo, agressiva e autoritária.

Para a construção de uma proposta libertária, o importansão os setores combativos dentro do movimento e procurar abrir com estes uma discussão que passe a organização de grupos para atuar concretamente junto a classe.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O INIMIGO DO REI

O INIMIGO DO REI

POSIÇÕES PARA O CONCLAT

coletivo libertário de oposição sindical /sp

Desde o 1º CONCLAT vimos pouca coisa se alterar na correlação de força no Brasil. A ditadura continua a dar as cartas (marcadas) para o grande jogo de novembro. A proposta de "abertura", que nesse momento se materializa na realização das eleições, continua a ser a pedra de toque da política tupiniquim. Os amplos setores da burguesia (divididos de mil formas pela crise econômica) se reaglutinam, nos partidos políticos e se preparam para um novo pacto nas eleições. Também setores ligados às lutas populares estão apostando no 15 de novembro. Dessa forma o grande momento, a nível conjuntural, seriam as próprias eleições, ficando a CONCLAT relegada a mísero 3º lugar (depois da copa).

Essa situação se reflete nas propostas de grupos comprometidos com as eleições e que deixariam de bom grado, o CONCLAT de lado em nome da "não perturbação do processo eleitoral".

Nos bastidores, a ditadura não se preocupa demasiadamente com as eleições como fazem crer os partidos de oposição. Nesse jogo é ela quem dá as cartas e faz as regras. Mas é no campo da economia que a ditadura faz suas mais maquiavélicas incursões. Regendo a orquestra dos números, Delfim Neto conduz o país à bancarrota. Em meio a uma crise que se aprofunda e com desfaçatez, de quem se acredita protegido e incólume, o governo lança o FUNSOCIAL, o pacto da previdência e por aí vai. A burguesia vivendo na pele da crise vacila, mas aposta na tática do governo. O governo, longe de se preocupar em deter a inflação ou o desemprego, na verdade utiliza essas armas para esvaziar e desencorajar o movimento operário e popular. Quando ainda assim o proletariado se rebela contra os patrões, logo chegam as forças militares da ditadura para novamente colocar as coisas no lugar e para demonstrar que a abertura e as eleições são, na verdade, uma farsa.

Então, se a crise economica divide a burguesia, se a crise parece tão insolucionável para ela, nada resta senão apoiar o projeto político da ditadura. Não é de se estranhar que a burguesia se reunifique em cima das eleições, mas é triste ver companheiros nossos, de luta, acreditando que as eleições podem resolver o problema da exploração. Essa posição, aliás, se refletirá na própria comissão pró-CUT, que não cumpriu as tarefas determinadas pela la. CONCLAT, deixando — em tese — os trabalhadores imóveis.

Digo "em tese" porque os trabalhadores mais uma vez mostraram a sua autonomia, não só em relação à política burguesa como também em relação aos conchavos feitos, à parte, pela "sua" — e autodenominada — vanguarda. Foram as greves espontâneas do funcionalismo, dos metalúrgicos do ABC, etc..., foram as greves selvagens em Porto Alegre e São Paulo, etc.... Se a la. CONCLAT se realizou sob o signo da heróica greve da FIAT (e com a marginalização de sua experiência — configurada pela não permissão de participação) a 2a. CONCLAT se realiza sob o signo da greve da COFERRAZ. Não é a toa que tanto, ou mais, que a da FIAT, a da COFERRAZ está isolada, não obtendo apoio consistente de nenhum sindicato.

É dentro desses limites que o CONCLAT vai existir. Entre a realização das eleições parlamentares e a afirmação da autonomia proletária, entre o compromisso e a luta, entre a reforma e a revolução.

2. CUT

2.1 - Para querermos a CUT

Essa é fácil. Foi respondida aos berros na Praia Grande pelos 5000 delegados do 1º CONCLAT: CUT PELA BASE!

Queremos uma CUT que consiga encampar a luta que é travada em cada fábrica, em cada seção, em cada palmo de terra. Uma CUT que consiga tirar o povo trabalhador da situação de escravidão na qual ele se encontra. Uma CUT que seja sempre e a todo o instante — desde o seu nascedouro — a expressão da vontade dos trabalhadores do campo e da cidade. Uma CUT construída de baixo para cima, pelos que lutam contra a opressão e exploração. Uma CUT democrática — não como a democracia burguesa que tem por base o voto inconsciente e a representação absoluta, mas que seja um exercício, um aprendizado da democracia operária, direta, onde cada um decide conscientemente sobre os seus problemas. Uma CUT, enfim, que seja a escola do trabalhador para a nova sociedade de iguais e livres, sem explorados e exploradores.

2.2 - Quais as bases para a CUT que queremos?

A base para essa CUT que queremos construída de baixo para cima não pode ser outra senão o próprio trabalhador, consciente de seu papel social, organizado com seus companheiros no local de trabalho. Sim, a base da "CUT pela base" tem que ser a organização por local de trabalho.

É claro que essa organização não termina aí. Ela avança na construção de sindicatos verdadeiros e livres, não pela farsa da CUT. Avança na conquista de federações e confederações por categorias, avança na organização intercategorias metropolitanas e regionais até chegar a organização nacional. Mas, é somente na afirmação da organização por local de trabalho que se terá condições de se construir uma CUT de base, de luta e de democracia direta.

2.3 - Que condições temos hoje?

Hoje não reunimos as condições objetivas e subjetivas para construirmos a CUT pela base. A própria desorganização da Pró-CUT em muito colaborou para que chegassem às vésperas do CONCLAT sem ter sequer um mínimo de discussão a nível de base.

Mas não adiante meter o pau na Pró-CUT e querer de qualquer forma tirar uma CUT como se a sigla fosse salvar a organização.

Não podemos ser idealistas e pensar que a atuação da Pró-CUT foi determinada unicamente pelas cabeças bem (ou mal) pensantes de seus integrantes. Ela própria é o resultado do atual estágio de desenvolvimento da consciência de classe e da organização do proletariado brasileiro. A CUT não seria muito mais do que a Pró-CUT foi. Não podemos conduzir o movimento operário e popular a uma arapuca dessa laia: uma CUT apoiada em confederações, federações e sindicatos pelegos, ligados ao estado. Seria a ressurreição, com outro nome, da velha CGT, e a história já nos mostrou no que isso dá.

2.4 - Que fazer?

A partir do momento que percebemos que a construção da CUT nessas condições, nesse momento histórico, nesse corredor escorregadio, é dar um passo a frente hoje, e dois atraz, amanhã; vemos o que deve ser feito é: criar as condições. Em última instância: propor passos que nos conduzam à CUT que pretendemos.

1º) Que na CONCLAT se forme uma comissão intersindical com base regional, isto é, com representação de todos os estados participantes, que se encarregue de:

- cumprir o programa da luta que o CONCLAT tire;
- organizar num prazo de um ano, congressos regionais que viabilizem a organização regional;
- apoiar todas as lutas de base
- impulsionar organizações por local de trabalho e,
- assumir a luta anti-pelego e pelo sindicato livre.

2º) Deve-se tirar um boletim a nível estadual e nacional que divulgue as teses aprovadas, as lutas em cada local de serviço ou estado e denuncie as artimanhas de patrões e governo. Deve ter a periodicidade mínima de 30 dias.

3º) A comissão inter-sindical deve impulsionar regionalmente a criação de um comitê permanente de solidariedade às greves.

A primeira etapa é apoiar a greve da Coferraz.

4º) Deve-se impulsionar, além das organizações por local de trabalho, a organização horizontal, inter-categoria. Criar e/ou fortalecer Associações Regionais de Trabalhadores (inter-categoria) que se organizem independentes de sindicatos e partidos políticos. Deve-se chegar a organismos municipais e estaduais inter-categorias como a federação Operária de São Paulo funcionou entre 1915 e 1935.

3 - Lutas

A plataforma fundamental de lutas é a mesma que foi tirada na la. CONCLAT, devendo ser encaminhado um plano de lutas para ela. Além dos pontos já tirados (contra o Pacote da Providência, contra o desemprego e pela reforma agrária radical) restam mais dois

- luta pela jornada de trabalho de 6 horas diárias, sem diminuição do salário (forma concreta de combate ao desemprego);
- lutar pela autogestão das fábricas que fecharam as suas portas (como a COFERRAZ).

Deve-se denunciar o FUNSOCIAL como mais uma forma do governo tirar dinheiro de nosso bolso para suas aventuras econômicas.

3.1 - Plano de lutas

Como as realidades, as dinâmicas internas de cada estado são bastantes diferenciadas, o plano de lutas não pode ser rígido, com o risco de ser obedecido pelas próprias condições objetivas. Dessa forma deve-se determinar alguns prazos e dentro delas cada estado determina a sua dinâmica de luta. Propomos os seguintes prazos:

- um mês para a formação de Comitês Permanentes de Solidariedade (por estado);
- um mês para o início da luta contra o pacote da previdência (ampla propagandização);
- dois meses para o lançamento dos boletins (nacional e estadual);
- três meses para o início da luta (nacional) contra o desemprego;
- sete a oito meses para a realização regional de Encontros de Trabalhadores de Comissões de Fábrica, de Empresa, de Seção, de Fazenda, etc.;
- oito a dez meses para a realização de congressos regionais.

4 - A Questão Internacional

A CONCLAT deve reafirmar o internacionalismo proletário.

LIBERDADE PARA O SOLIDARNOSC!
TODO APOIO À GUERRILHA EM EL SALVADOR!

CEDEM

a tradição do uso

As pedras que rolam durante quase duas décadas, já não correspondiam a toda à revolta juvenil. A classe média é claro delirava com Black e Blue, mas a grande massa de jovens proletários não ansiava apenas a liberdade da estrada, queria um outro mundo.

crise da classe média

A crise econômica desencadeada na década de 70, abalou o mundo capitalista, de tal forma que, para serem mantidos os lucros foi necessário gerar o desemprego de milhões de operários. Se os operários com alguma experiência profissional se encontravam desempregados; imaginemos aqueles jovens, filhos de proletários, que queriam ingressar num mercado de trabalho em dissolução.

o sonho acabou

A desilusão destes jovens foi imensa, a tal ponto que, começaram a repudiar todos os valores da sociedade de consumo, e logo após, ela própria.

Surgia então um novo instrumento que não visava contestar o sistema, mas destruí-lo.

a contestação

MOVIMENTO PUNK

Este movimento, era o dos Punk's, que não consomem, vestem-se com trapos, procuram sabotar ou destruir partes do sistema. E novamente foi na Inglaterra, da Revolução Industrial, da la. Internacional, dos Rolling Stones e agora dos Punk's.

Eles se reúnem em grupos, passam os dias pelas esquinas e bares, roubando, quebrando vitrines, estrupando as menininhas do High's School, batendo na polícia.

Rapidamente, tomaram conta do velho continente, com uma nova conduta que causa terror e pânico aos cômodos do neo-capitalismo.

o programa

Nao existe programa, não se quer uma revolução. O que se deseja é destruir o que existe, o reacionário e o liberal. Não acreditam em governos, nem querem ter líderes. O que se deseja desesperadamente é romper este círculo viciado.

CULTURA PUNK

A grande forma de expressão dos Punk's é a sua estética particular. Eles se vestem, penteiam-se, pintam-se da maneira (socialmente) mais anti-estética possível.

Representam, também, uma forma de expressão musical. A sua música procura imitar o monótono ritmo cotidiano, a batida incansável das máquinas do progresso; e nas letras o cruel e destruidor.

Não devemos esquecer que os Punk's surgiram espontaneamente portanto não tem paternidade ideológica externa ao movimento.

e daí?

Quando será que o brasileiro se rebelará contra o mundo?

the end

Me parece que aí entra em cena a possibilidade da dissidência fundamental: capta-se a descentralização do fornecimento duvidoso. Ou em outras palavras, — te mete a gostoso(a) que já te mostro o que é bom prá fossa, nas sábias respostas à vida que nos dá a experiência popular.

Histórias IIImundas

Mauro/RS

- Tem aquela do cara que tava perla boca com a esposa, por causa doutras gurias. Fazia horas que o cara não dava conta, em casa, dos deveres maritais.

- Por que tao tarde? - perguntaria ela.

- Tive serão no serviço... - responderia ele.

Ela não acreditaria, é claro. O vizinho é do mesmo serviço, colega de obra, chegou às oito em casa. São onze e meia...

- Tá faltando grana em casa... - insinuaria ela.

- Tão atrasando, esses cara da firma - mais uma vez, se esquivaria ele tentando achar algo importante para fazer.

O vizinho, mais uma vez é o jacaré na cama do nosso herói: recebeu hoje. Tudo certo.

- Tu tá cheirando a canha, ô cara! - levantaria uma sobrancelha contra ele, ela.

- Pois é, é que eu passei no manual prá vê como vão as coisas, daí encontrei o Narnei e... -pois é, faltou tirocínio. E agora? cadê aquela história?

- E desde quando o Manuel tá vendendo canha com perfume de brinde? - Atalharia nossa heroína, já com cara de quem não tá afim de nerolação (ela sempre disse prá ele, que quem enrola é fumo em rama) e muito menos de ser adornada.

A essa altura, nosso herói optaria pelo silêncio. Quem cala consente, mas quem cala também não fala.

Quando ele vinha para casa, tendo ficado no serão até às oito, passou perto demais de um cam burão e, sabe-se como é, resolveu usar a cara de culpa que nossos amigos menos afortunados costumam ter quando estão em situação contra a qual não têm previsões.

Pois é, mexeram com ele. Até levaram ele prá dar uma volta. Foi um pau. Só de susto. Tinha puta, travesti mui perfumoso, o escambau, todo mundo passeando.

Quando largaram ele, teve de pegar um ônibus prá voltar prá casa. A essa altura dos acontecimentos, bateu a sede, que ninguém é super-homem.

Pois é. O bar do Manuel é no caminho. O que vem se juntar ao fato do Narnei estar jogando um 21 de taco nos fundos. Sabe como é: ter de passear com travesti amontoado na condução, toca a brio de qualquer um. Só uma branquinha prá sossegar a muquirana que coça por dentro. E uma só é pouco...

Nossa heroína teve um caso com o vizinho. Ou como ela saberia que o salário não atrasou? E que nosso herói é realmente chegado num rabo de saia?

Acontece que a dianteira pode ser a melhor defesa.

Ele cutucou na sobrancelha. E la via a tal morena, e soube dá sararã. De quem é a culpa? É da instituição casamento. Casamento não é uma associação aberta e democrática. Existem fatores de força, e as mais das vezes, uma opressão declarada. Existe um soberano e um servo.

Corpo e alam passam a ser dádivas preciosas que só são concedidas em momento de extrema indulgência real.

O último Inimigo do Rei trouxe a primeira parte das aventuras do jovem pirata Misson, nascido em Provença em meados do séc. XVII, embarcado no navio de guerra Victoire. Numa viagem a Roma conhece Caracciola, "o padre revolucionário", são atacados por um navio de guerra inglês e no combate uma granada arranca a cabeça do capitão do Victoire, enquanto o navio inglês explode. Misson é o primeiro a reagir, pegando o leme, começa a dar ordens. A partir daquele dia, serão piratas. (marcia)

Quatro dias mais tarde, na frente de São Cristovão, capturam um "soof" inglês. Misson sobe a bordo com vinte homens. Os oficiais prisioneiros baixam a cabeça esperando pelo pior, porém, para espanto de todos, Misson pede cortesmente ao capitão inglês que o conduza a sua cabine. Ali lhe comunica que confiscará a carga e o deixará em liberdade. Rapidamente um contramestre faz a lista das mercadorias requisitadas, em quatro horas o barco está limpo. Pede-se a chave do cofre "para não deteriorá-lo inultimente". Os marinheiros ingleses não acreditam no que estão vendo, não houve nenhuma violência.

Alguns meses depois na frente da costa da Africa, captura o barco holandês "Nienwstaat". Repetem-se as mesmas formas de cortesia com os vencidos. O carregamento compõe-se de pó em ouro e de 17 escravos negros. Misson reúne as duas tripulações e fala: "Nenhum homem tem o direito de privar o outro da liberdade. Se aqueles que professam um conhecimento esclarecido de Deus, prestam-se a venda de homens como se fossem animais, demonstram que essa religião é uma burla. Devem opor-se também ao jogo da escravidão social pois que a liberdade alcançada não é para privar os outros da mesma". Dito isso, divide o ouro capturado em partes iguais entre todos os homens das duas tripulações e os negros.

Johnson em "A General History of the Robberes and Murders of the Mos Notorious Pirates" continua relatando dezenas de outras capturas que seguiram o mesmo ritual. Enfim, em Madagascar é fundada a cidade de "Libertadia". Lá cada um recebe parte igual de terra, não existe rei nem governo, todos são reis e governam-se a si mesmo. Se alguém quer ir embora, recebe parte do tesouro público recebe parte do tesouro público e vai-se. Johnson não relata o fim de "Litertadia", mas queremos crer que o seu espírito continua vivo nos piratas de Oman. Ainda hoje esses piratas saqueiam os iates que navegam no Golfo Pérsico, conforme alerta do "Ocean Passages for the World", publicado pelo Instituto de Hidrografia da Marinha Inglesa, em 1980. Exquemelin em "Boucaniers d'Amérique", publicado em Amsterdan em 1678, falando dos usos e costumes dos flibusteiros das Antilhas, mais precisamente dos Irmãos da Costa, cita com espanto o fato de que na Tortuga não existiam chefes. Só durante os combates o capitão eleito tinha autoridade e os navios, após as expedições, eram de quem os quisesse usar. A divisão da captura era quase igualitária:

Capitão: 2 partes
Contramestre: 1 parte e meia
Oficiais e especialistas: 1 parte e um quarto
Marinheiros: 1 parte

Talvez o mar que é liberdade e que obriga o homem a vencer qualquer instinto de medo, tenha ensinado a estes serem justos entre si. Talvez a sociedade os tenha marginalizado por causa de uma consciência crítica muito desenvolvida, assim como hoje coloca nos hospícios e nas prisões as pessoas que questionam o direito do "Poder" e a sua autoridade. Nós acredtiamos que é exatamente neste questionamento que reside a semente da úniva e verdadeira civilização possível.

TREVISAN x TREVISÃO POR ELE MESMO/SP

TREVISAN – Venho sentindo muitos problemas com relação à militância política, ultimamente. Será que eu poderia detalhar a questão?

TREVISAN – Depois de longa experiência ativista em vários setores, inclusive no Movimento Homossexual, me julgo no direito de recear que a caretice, o conservadorismo e o autoritarismo sejam inerentes ao tipo de militância que praticamos. Hoje em dia não pretendo me filiar mais a linhas políticas, porque descobri que há um equívoco básico no *ser militante*. A militância procura certezas fora do indivíduo que milita e menospreza suas necessidades individuais, justamente porque essas são cambiantes, mutáveis, imprevisíveis e partes de um processo. Ouso dizer que aprendi sobre os homens e o mundo muito menos em política militante do que no convívio com a poesia, esse *estado interior* chamado poesia, que contém fragmentação, não-enquadramento, rebeldia, prazer e dor, e que está sempre abrindo caminhos não palpáveis, não imediatamente redutíveis à razão. Os fabulosos aparatos ideológicos, que lembram filmes de Cecil B. de Mille, francamente me cansaram. Chega de atestados ideológicos.

TREVISAN – Há um elemento particularmente incômodo, hoje, na minha relação com as esquerdas, não há?

TREVISAN – Há sim. Trata-se da mística operária que elas cultivam como sua própria razão de ser. Tenho a impressão de que há algo de falso nessa maneira progressita de "ser-o-outro" em termos de classe. Receio que o proletariado tem sido transformado em conceito suficientemente abrangente e abstrato como para ser manipulado pelas mais esdrúxulas seitas revolucionárias que, ansiosas em legitimarem seus métodos, disputam a dentes o supremo título de "legítima porta-voz da Classe Operária". Acho que há uma tremenda mistificação em curso. A meu ver, o proletariado não nasceu metafisicamente vocacionado para a revolução (e o que é revolução?), daí que transformar o mundo não é absolutamente privilégio dos operários enquanto classe. Veja-se o conservador proletariado americano, vejam-se os aburguesados operários europeus, vejam-se as revoluções soviéticas, chinesa e cubana, anti-modelos de seu próprio modelo marxista (já que nenhum desses países tinha um proletariado suficientemente desenvolvido para deflagar e conduzir a revolução social; o que houve foram líderes falando *em nome dele*). Daí caímos no exemplo atual da Polônia, onde o proletariado se defende da ditadura do POUP acionando sua fé cristã. Não o estou acusando de contra-revolucionário, simplesmente porque não acredito que seus patrões comunistas sejam revolucionários. Mas, apesar de acompanhar com toda simpatia as lutas autonomistas da classe operária polonesa atual, não sou ingênuo a ponto de ficar eufórico ante a possibilidade de que os dogmas do POUP sejam substituídos pelos dogmas de João Paulo II. Na verdade, a complexa situação do proletariado polonês mostra bem que não é mais possível alimentar nosso simplista milenarismo revolucionário com as carnes dos operários. Se nós das esquerdas olharmos para o espelho vamos nos ver refletidos mais como Dráculas do que como Bons Samaritanos! Esquecemos que cada proletariado é produto de um momento histórico. Não há paraíso para classes fora da história. Outra coisa: o Drácula é sempre retrato de uma ausência. Porque na Esquerda brasileira há, antes de tudo, uma coerência de auto-estima, se considerarmos sua mania de falar em nome de outra classes, que ela tornou a Redentora. Ora, tanto na Polônia quanto no Brasil, os operários se organizam e lutam fundamentalmente porque sua sobrevivência é periclitante e não porque se sentem protagonistas de uma missão redentora. Ao lhes propor uma Missão, nós criamos um arcabouço ideológico discutibilíssimo justamente porque elaboramos as certezas do "outro" baseados em nossas profundas inseguranças enquanto classe privilegiada, que teve acesso a informações mais sofisticadas e se culpabiliza. Além de alienante, essa atitude encobre um gesto penitencial e uma tentativa, inclusive, de evitar mudanças nossas a nível individual, mudanças mais dentro de *nossas* vidas e *nosso* cotidiano. Cria-se, a partir daí, uma dicotomia conformista do tipo Deus-Diabo, Bandido-Mocinho. Trata-se de uma questão de mística religiosa erigida em cima de rótulos que visam basicamente o PODER e não a transformação. Nas nossas revoluções, frequentemente mudam-se os reis mas não se destrói o trono.

TREVISAN – Sempre tive muito grilo com a definição de "anarquista". Por quê?

TREVISAN – Definições edificantes eu as ouço desde minha adolescência no seminário. Falar em "Bom Anarquista" é o mesmo que falar em "Bom Católico" – basta substituir o paraíso do céu pelo da terra. Isso não é estranho, porque nós todos das esquerdas brasileiras jamais deixamos de ser católicos – basta comprovar como temos nossos teólogos, exegetas, dignatários, santos, papas e manuais. Nosso conceito monolítico de revolução deriva de nossa implícita religiosidade. Por isso não estou interessado em definir como é o verdadeiro anarquista. A mesma dificuldade que tenho em definir um poeta eu tenho em definir um anarquista, talvez porque esses conceitos, pra mim, se referem muito mais a estados de espírito do que a fórmulas. Tudo o que posso dizer é que não existe o Revolucionário Exemplar. Porque a idéia de um Anarquismo puro eu acho que vem se confundir com o conceito de um Estado Puro. Nos dois casos há Absolutos a serem seguidos, há a idéia de Normalidade. Há um Deus todo-poderoso. Aliás, ao invés de falar de "anarquistas", prefiro me referir a "propostas libertárias", querendo me referir mais a perspectivas abertas do que a conceitos definidos. Mesmo que seja incongruente falar de uma "doutrina anarquista", acho que há muitas pessoas doutrinariamente se definindo como anarquistas. Ainda que possam considerar absurda a idéia de um Partido Anarquista, essas pessoas têm toda a estrutura mental de um partido. Daí, o que sobra de realmente original nas nossas propaladas "propostas libertárias"?

TREVISAN – Uma pergunta difícil: o que acho do INIMIGO DO REI?

TREVISAN – No atual panorama de pasmaceira nacional, acho que o INIMIGO DO REI corre o sério risco de ser mais um jornal perfeitamente dispensável, se não procurar saídas novas. Além de ser feio e improvisado, o IR não se define: seria um boletim de grupo? um espaço para informações genéricas? um espaço para discussão de idéias? um órgão do Anarquismo Brasileiro? um jornal de "tendência popular"? Já conversei com muita gente cujo contacto com o IR foi efêmero por acharem-no acadêmico, desinteressante e francamente autoritário. Diante disso eu só vejo uma saída: inovar ou morrer. Acho que seria lamentável, por exemplo, fazer dele um HP pra anarquista. Isso involve a idéia de jornal de "tendência popular" que, pra mim simplesmente esconde uma atitude manipuladora, além de oportunista. Tenho desconfiança da maneira fácil com que os retóricos da esquerda usam os termos "povo" e "popular", que funcionam como verdadeira varinha-de-condão também para a direita. Acho que seria muito mais interessante, por exemplo, fazer um jornal de debates. Ou será proibido discutir idéias só porque 80% da população brasileira não tem acesso direto a esse debate? Nesse caso, seria preferível criar um jornalzinho progressita-popularesco, com matérias redundantes e oportunistas: uma espécie de *Notícias Populares* de esquerda, que só um público imbecilizado teria condições de consumir. Não acredito que exista uma "imprensa popular" por definição. Existem sim inúmeras maneiras de fazer o debate circular pela população – e canais diferenciados. Não por ser mais difícil para o público em geral é que Picasso deverá ser chamado de pintor reacionário – coisa que ainda ocorre em vários países chamados socialistas, aliás.

TREVISAN – É melhor dar exemplos, Trevisan.

TREVISAN – Tá. Gostaria que o jornal discutisse, por exemplo, o envelhecimento do anarquismo tal como desenvolvido no século passado, e de que maneira podemos continuar criando propostas novas a partir dos referenciais autonomistas, auto-gestionários, anti-autoritários. Isso é o mínimo, porque não podemos continuar reunidos em torno de uma sopa velha que talvez já tenha azedado. Outro exemplo: por que nos concentrarmos na chamada "revolução social" tão cara aos antigos anarquistas? Acho que as propostas libertárias modernas deveriam ser deflagradoras de uma revolta bem mais ampla, contestando até a revolta institucionalizada das esquerdas e se abrindo para o imaginário (essa parte tão misteriosa de nós mesmos), com discussões sobre fumo, parasicologia, ficção-científica, movimentos de vanguarda artística. O importante seria não se deixar pautar por manuais de comportamento, estar intelectual e espiritualmente não-alinhados. Talvez eu esteja sugerindo um reavivamento do aspecto mais poético de nosso cotidiano. Um reavivamento que inclua a inquietação nossa enquanto seres sociais mas também leve em consideração temas condenados à lata de lixo pelas esquerdas caretas – temas que incluam até mesmo o nosso medo da morte. Ao contrário do que muita gente poderia pensar, essa é uma maneira indiscutível de *intervir* na realidade brasileira de hoje, porque suscita um debate original. Talvez isso contradiga os mais pragmáticos que preferem ir pras portas das fábricas. Mas a verdade é que não faltam, neste país, espaços para um debate irrestrito. E, nesse sentido, a porta da fábrica não é o único espaço disponível para defrontar-se com a realidade brasileira. Já Aguinaldo Silva dizia, por exemplo, que o Cinema Íris também é Brasil. Ou seja: homens se chupando em banheiro de cinema também faz parte da diversificadora maneira de ser brasileiro, e popular.

TREVISAN – Vão dizer que você está propondo uma receita para enlouquecer.

TREVISAN – Talvez sim. É possível não ser louco quando o aparato social que nos cerca está controlando tudo, inclusive nosso tesão? Estou propondo um jogo radical. Senão não vale a pena. Senão é melhor deixar de lado toda essa história de anarquia e partir pra uma frente ampla com o MR 8, pra repartir o poder. E deixar tudo como está.

foto: Sayme Pereira Marques/SP

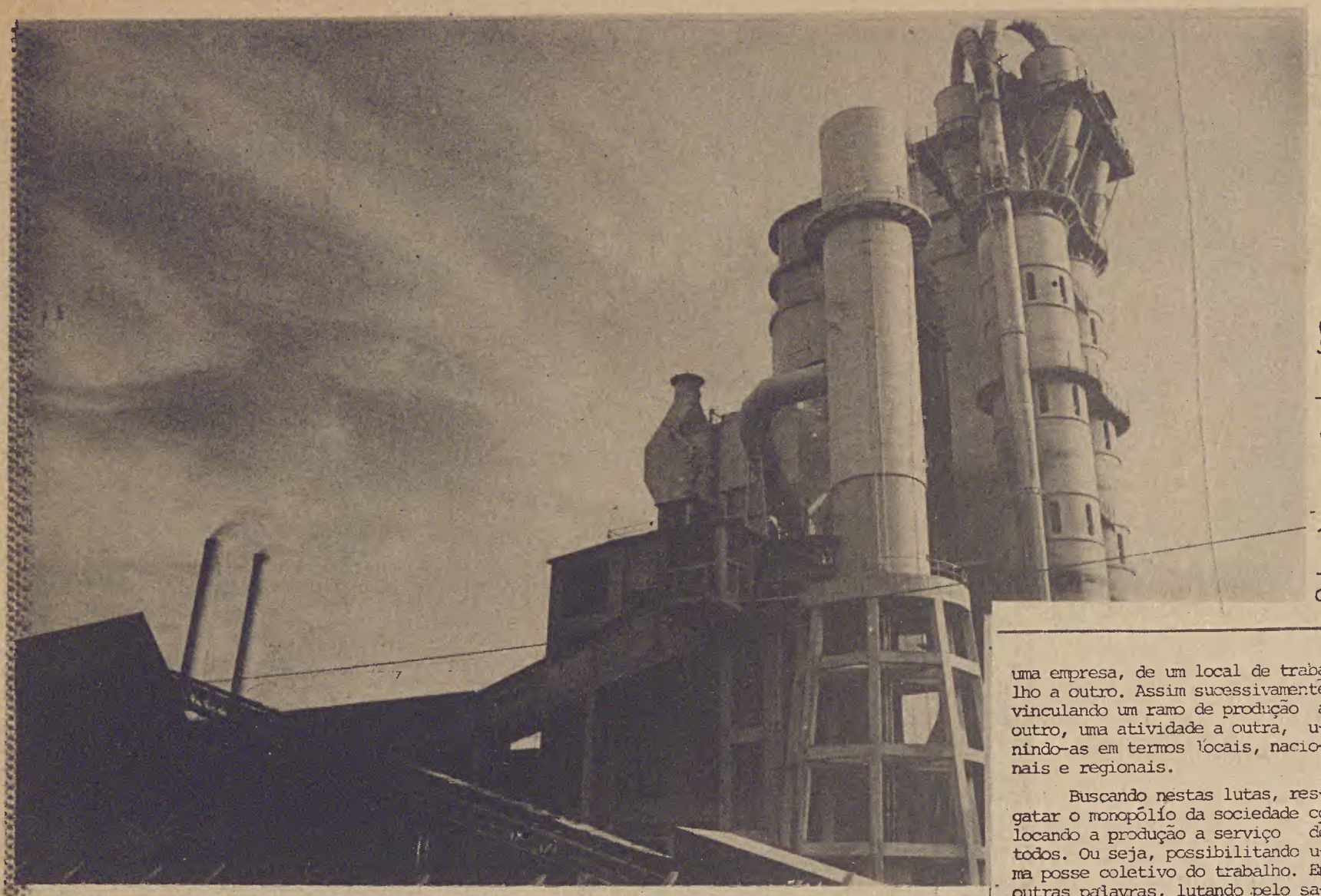


foto: Jesus Carlos/esp

RECEITAS DE MAMMI PUIG PARA DISTRIBUIR O BOLO

Se a expressão jurídico-política, em termos nacionais, de um poder é o Estado – subentendido como um aparelho que age nas esferas das superestruturas jurídico-político-administrativo-ideológicas e repressivas – é preciso medi-lo pelas relações que produz, seu grau e natureza. E ver quem se beneficia delas. Assim como ver em que medida os indivíduos são definidos e como estes

uma empresa, de um local de trabalho a outro. Assim sucessivamente vinculando um ramo de produção a outro, uma atividade a outra, unindo-as em termos locais, nacionais e regionais.

Buscando nestas lutas, resgatar o monopólio da sociedade colocando a produção a serviço de todos. Ou seja, possibilitando uma posse coletivo do trabalho. Em outras palavras, lutando pelo salário, pela habitação, pela educação, pelo lazer, lutando por melhores condições de vida, para finalmente sermos donos do nosso destino, do nosso trabalho, das máquinas, da terra, enfim de tudo. E como levar uma luta dentro das empresas, dos locais de trabalho, estudo ou lazer?

– Estabelecidos os objetivos é preciso partir para uma luta de pressão com o apoio de todos os colegas, seja criando comissões inicialmente, seja fomentando assembléias finalmente.

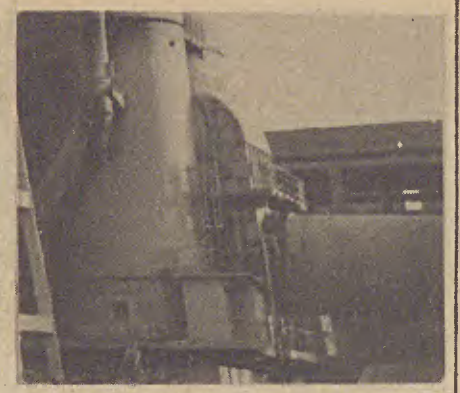
É preciso levar sempre em conta a natureza repressiva do sistema, como internalizamos seu autoritarismo, não facilitando para com as infiltrações ou com os "bem intencionados" que tudo fazem para acalmar, evitando os conflitos e deixando as coisas como estão. Estes devem ser denunciados publicamente para não mais interferir.

É preciso que consideremos que nossa força está no grupo. Pessoas individualizadas, líderes, só servem no começo, depois só fazem por retardar o processo pela sua vulnerabilidade. São mais fáceis de destruir. É preciso que

ciadora se está dando um passo à frente na evolução da humanidade.

Como o centro da dominação está na economia, a sua contradição principal está na exploração. Cada um de nós, dado o que produz e consome, participa dessa estrutura de poder, sendo mais ou menos explorado. Nossa capacidade de enfrentamento vai se diferenciar pelo grau de identificação com o sistema vigente, ou seja, depende dos efeitos de sua ideologia em nós. O que vai determinar maior ou menor combatividade ou clareza nas posições depende, então, não só da nossa visão de mundo, mas principalmente da solidariedade para com os outros. Já que não se pode pensar em ser uma ilha de felicidade no meio da miséria dos demais.

Mas nem todo combate surte o efeito necessário. É preciso escolher a melhor estratégia de organização e ação. Temos uma proposta! Se a atual estrutura da sociedade é resultante de uma rela-



de "ser organizado", ou seja, pela auto-organização. Esta auto-organização nas empresas em que já se trabalha. Por isso entendemos que já estão organizados, pelo sistema de produção existente. Significa a conquista da liberdade, do socialismo de uma só vez.

A base e o fundamento da organização não é, pois, senão a própria situação concreta, palpável das condições de vida, de trabalho, de habitação, numa palavra, a situação social dos trabalhadores. O fato de que está assentada na realidade social dá assim mesmo, à organização, uma grande capacidade de resistência e garante a manutenção do caráter trabalhador da organização.

Frente a essa proposta, existe outra muito diferente. Ou seja, a base da organização não é a realidade social, mas sim a idéia, os princípios. O objetivo da organização é o de conquistar os meios com os quais ela possa realizar seus princípios. Formulando assim seu fim, o resto vem em decorrência; esses meios tem que ser os do Poder e tratando-se disso, faz-se necessário a luta parlamentar.

Resumindo: o socialismo não seria implantado por uma luta social, e sim política (seja por revolução ou via parlamentar ou ambas, dá no mesmo, no caso). A situação do trabalho na empresa, no centro das contradições e a ação em torno do local de trabalho deixam de constituir aqui, o fundamental, para dar lugar a atividades desenvolvidas nas horas de lazer (a partir de), vizando a organização, que resulta ser, pois, uma organização do tempo livre (sem menosprezo). Logo, a luta empreendida por este tipo de organização, separa-se da situação concreta do trabalho nas empresas e é produzido inevitavelmente, uma situação de maior ou menor alienação entre a organização e o trabalho. Este mesmo tipo de organização, tornou possível que seus sócios passassem a ser bons militantes socialistas dentro da organização, durante as horas de descan

não consiste em produzir tais objetivos, que produz artificialmente pessoas capazes de consumi-los, mas consiste em liberar a criatividade dos homens, em restituir-lhes sua atividade poética.

Enquanto não realiza seu conceito, enquanto não se erige "em classe dominante" cujo segredo é a dissolução de todas as classes da sociedade, o proletariado parece manifestar-se da forma que o trabalho e a sociedade burguesa lhe permitem. Na classe operária empírica cujo objetivo é o reformismo e não a revolução. Interpretando esse fato, não como conseqüência histórica, mas como um fenômeno de essência, Kautsky e Lenin deduziram que o proletariado não possui em si mesmo a razão de sua auto-emancipação. Segundo eles, a teoria salvadora deveria ser introduzida em seu meio pelos intelectuais saídos da burguesia, que organizarão uma "vanguarda esclarecida", da qual não se sabe quantas boas intenções pastorais alardeadas, e se transformação depressa em auto proclamação da verdade da história, em uma direção ideológica, depois política e econômica, que reproduz a sociedade de classes.

Em oposição a tais teses, parece que o proletariado, isto é, a imensa maioria da população assalariada e escolarizada faz a exigência de uma vida livremente construída, e de uma organização social transparente (o contrário do que chamamos de Estado).

Autogestão: uma mudança radical
p. 212 - A Guiller, Ivon Bourdiet

o lucro do poder

Dentro do marco teórico, em que a configuração histórica do Estado corresponde a uma configuração das relações sociais em um dado momento (idéia de hegemonia) histórico, temos as várias camadas sociais submetidas pelos valores da burguesia em constante luta de ascenção e para não perder a posição que ocupam.

Existe uma luta para mudança do "status", para compartilhar as vantagens, os privilégios que são conferidos pelo Poder.

CEDEM
O INIMIGO DO REI

O PAPA DO INDIVIDUALISMO

princípios falsos da nossa educação

STIRNER, 1842

"... Uma vez adquirida a liberdade de pensamento, o impulso do nosso tempo será o de a completar, a fim de a transformar em liberdade de vontade, princípio de uma nova época. De maneira que o objetivo último da educação já não pode ser o saber, mas o querer nascido deste saber. Numa palavra, ela tenderá a criar um homem pessoal ou livre. O que é a verdade senão a revelção do que nós somos? Trata-se de nos descobrirmos a nós próprios, de nos libertarmos de tudo o que nos é estranho, de nos abstrairmos ou desembaraçarmos radicalmente de toda a autoridade. Trata-se de reconquistarmos a naturalidade. A escola não produz homens assim,absolutamente verdadeiros. Se mesmo assim os há, é apesar da escola. Esta, sem dúvida, nos torna senhora das coisas, e rigorosamente também, senhores da nossa própria natureza. Mas ela não faz de nós naturezas livres (...).

(...) Todas as espécies de vaidade e de apetite de ganho, de arrivismo, de zelo servil e de duplicidade, se casam muito bem com um saber extenso, da mesma maneira que se casam com uma elegante formação clássica. E toda essa larga miscelânea escolar, que não exerce nenhuma influência sobre o nosso comportamento moral — nós esquecemos, muitas vezes, e tanto mais facilmente quanto ela não nos serve de nada: a gente sacode a poeira da escola logo que a deixa. Por quê? Porque a educação consiste unicamente no formal ou no material, senão numa mistura dos dois, mas de modo nenhum na verdade, na formação do homem verdadeiro.

(...) Como certos outros domínios, o domínio pedagógico é também daqueles em que a gente se aplica em não deixar penetrar a liberdade, a não tolerar oposição: o que se quer é a submissão. Não se tem em vista senão uma domesticação, puramente formal e material. Dos defensores do humanismo não saem senão sábios, dos defensores do realismo não saem senão "cidadãos úteis" — em ambos os casos, nada mais que criaturas submissas. O nosso bom e velho fundo de "malícia" (mordacidade) é abafado de viva força e, logo após, o desabrochamento do saber em vontade livre. Assim a vida escolar produz filistinos. Da mesma maneira que na infância nos ensinaram a aceitar tudo o que nos era imposto, assim mais tarde, nós nos acomodamos a uma vida positiva, nos dobramos ao nosso tempo, nos tornamos os seus valetes e os pretendidos "bons cidadãos".Onde se vê então, ganhar vigor um espírito de oposição em lugar de submissão alimentada até agora? Onde se forma o homem criador, em vez do homem instruído? E assim, onde é que o professor se transforma em colaborador, onde se opera a transmutação do saber em querer, onde é que o objetivo é o homem livre em vez do homem cultivado? É em vão que o procuramos.

Deve-se contudo, meter na cabeça, cada vez mais, que a tarefa suprema do homem não é, nem a instrução nem a civilização, mas a autoatividade. Será por isso negligência a cultura? Não. Na medida exata em que nós não pensamos em sacrificar a liberdade de pensamento, mas antes, transfigurá-la em liberdade de vontade.

(...) Que se desperte no homem a idéia da liberdade, os homens livres não sonham senão em libertar-se a si mesmos sempre e cada vez mais. Se, ao contrário, não se faz senão homens instruídos, eles se adaptam a todas as circunstâncias da forma mais cultivada e refinada, caem ao nível de almas submissas e servis. O que são, na sua grande maioria,os nosso belos senhores cheios de espírito e de cultura? Escravos de si próprios.

(...) A miséria de nossa educação atual procede, em grande parte, do fato do saber não se ter afirmado em vontade, em autoatividade, em prática pura. Os realistas aperceberam-se bem da lacuna, mas não remediaram nada senão de forma lamentável, formando pessoas "práticas" desprovidas tanto de idéias como de liberdade. Moldados, na melhor das hipóteses, eles moldam por sua vez; domesticados, eles domesticam. Mas por sua vez redefinem a própria configuração do Estado. Ou seja, é preciso pensar na luta de classes como um motor histórico. E para compreender sua direção, é preciso não esquecer, antes de mais nada, que toda estrutura de poder é resultante de um ato de força, que produz discriminações. Então, é a luta contra estas discriminações que vai orientar todo o processo. Quando se termina com toda e qualquer estrutura diferenção histórica, socialmente dada, então as pessoas já se encontram cada uma no seu lugar histórico. Com sua posição historicamente definida, o patrão é o patrão e o funcionário é o funcionário, existindo uma organização social do trabalho e da comunidade (capitalista):

o quê, não deu certo?

Então, o que está errado? O errado está na contradição, nas diferenças. Existe quem tem e quem não...

Como a riqueza é fruto do trabalho social, na realidade o problema está em que existem aqueles que monopolizam os meios de produção e subsistência auferindo assim todo lucro do trabalho. E existem os demais por via de regra.

Bem! Então a questão é aproveitar a propria organizaçao do trabalho, ligar as lutas de

toda a educação deve entender-se como pessoal. (...). Noutros termos, não é o saber que deve ser inculcado, é a personalidade que deve atingir a sua expansão própria. O ponto de partida da pedagogia não deve ser o de civilizar, mas o de formar personalidades livres, caráteres soberanos,e a vontade, até agora brutalmente oprimida, também deve expandir-se.

Desde o momento que não se enfraquece o impulso versus o saber, por que não enfraquecer o impulso versus o querer? Se cultivamos aquela, cultivemos igualmente este.

A teimosia e a "malícia" das crianças tem tanta razão de ser como a sua sede de conhecer. Estimula-se ferrenhamente esta última; que se exercite também a força natural da vontade: a oposição. Se a criança não aprende a sentir-se por si mesma, então, é justamente a coisa principal que ela não aprende. Que não se reprima nem a sua altivez nem a sua franqueza. Contra a sua petulância, resta-me sempre a minha própria liberdade. Se a sua altivez se transforma em obstinação, a criança me será violenta. contra a qual eu reagirei, visto que sou um ser tão livre quanto a criança. Mas deverei me defender por trás do escudo cômodo da autoridade?De modo nenhum. (...) É preciso que se seja muito fraco para se recorrer à autoridade. E erramos ao nos preocuparmos em recuperar a criança impertinente, fazendo dela um robô. Exigir o temor e o respeito são coisas que pertencem ao estilo rococó duma época passada.

(...) As nossas escolas estão ainda submetidas ao princípio antigo do saber sem vontade. O novo princípio é o da vontade, o da transformação do saber. A partir daí, não mais existe "concordância entre a escola e a vida", mas que a escola seja vida e que, no seu seio, como fora dele, se fixe como dever a autodescoberta da personalidade. Que a cultura universal da escola vise à aprendizagem da liberdade e não a da submissão.

(...) Não se cumpriu tudo ainda, quando nos comportamos como membros úteis da sociedade.Não poderemos realizar plenamente a nossa tarefa se não for sob a condição de homens livres, indivíduos que criam e agem por si mesmos.

A idéia dos tempos novos é a liberdade da vontade. A pedagogia deve propôr-se, portanto, como ponto de partida e como ponto final, a formação da personalidade livre.

(...) Para concluir e exprimir o rumo em direção ao qual o nosso tempo deve virar a proa, — o desaparecimento necessário do saber sem vontade e o levante do saber consciente de si. O saber deve morrer para ressuscitar como vontade e recriar-se cotidianamente como personalidade livre.

sejam alertados publicamente.

para os politiqueros

Oposição do sistema ou contra o sistema

A revolução não é uma questão de educação, mas a educação por mais determinada que esteja pelas condições políticas do momento age, em troca, sobre suas próprias determinações e, assim, o faz trabalhando a contradiçao entre projeto revolucionário e prática reformista, isto é, atualizando a distância entre o fator subjetivo e o fator objetivo de que se constitui todo o processo revolucionário.
(René Louram - Autogestion et socialisme. nº 13/14,p. 5).

René Louran não põe no Estado, mas na luta de classes, a visão de ser esta o motor que move a história. Diz ainda que, a análise crítica produz a crise; o instituído só pode ser salvo pela sanção do instituinte. O instituinte deixa o instituído em tal perigo, que o instituído ameça revogar o instituinte. Daí que a autogestão, mesmo no limitado plano da pedagogia, torna-se social e politicamente revolucionária.

aí, sacou!

A luta se faz contra o fato

so. Pontuais, aplicados e até mesmo ciosos trabalhadores no marco da organização existente — das empresas capitalistas ou do Estado.

Não era à toa que o Kaiser alemão, na Primeira Guerra Mundial, apregoava que os sociais democratas eram seus melhores soldados.

Neste tipo de organização vale mais o fato de se sentir cada vez mais socialista do que intervir cada vez mais nas contradições dentro da empresa, do trabalho. Para finalmente perderem todo e qualquer sentido do que seja socialismo.

(Rudolf Yong sobre Bakunin)

e a crise?

A crise atual da sociedade não resulta essencialmente da exploração (fenômeno comum ao escravo, à servidão e ao modo de produção asiático), mas da alienação e da coisificação, da qual o proletariado, tendendo a se constituir em classe, é a negação permanente.

Essa negação da alienação — a autogestão — não consiste no aperfeiçoamento das condições de trabalho, e sim na invenção de um novo tipo de atividade livremente constituída, que revoluciona o trabalho, as ferramentas e os produtos. De fato, o proletariado não é revolucionário, senão na medida em que tende a abolir o salariado. Esta situação que obriga a vender sua força de trabalho, para se alimentar e reproduzir, repetindo-se certos gestos que, em si próprios, não produzem objeto algum, executando os planos de outrem (a heterogestão), para a construção de coisas estranhas à sua criatividade e das quais não tem posse.

O programa da burguesia capitalista (em sua forma privada, burocrática ou tecnocrática) — Marx demonstrou-o muito bem no Manifesto Comunista — é o produtivismo a qualquer preço. O programa do proletariado, ao contrário,

Vendeu-se essa idéia de "participação" ou ascenção pela venda ou compra dos bens e serviços utilizados pela burguesia. Ao menos suas características principais (os bairros, a cultura,etc.).

o jogo do poder

Entre nós, existem práticas estabelecidas que são resultantes de costumes adquiridos e que são expressões das ideologias em jogo. Da hegemonia de uma ideologia estatal-capitalista-autoritária que permite uma exploração capitalista justificando esta, antes do que explicando-as. Sendo redefinidas por esta e pelo resultado dos choques existentes dentro da sociedade.

o duplo poder

— PARA QUEM DIZ QUERER ORGANIZAR OS TRABALHADORES afirmamos:

— Os trabalhadores já estão organizados, unidos e reunidos nos locais de trabalho, nas empresas, nos bairros. O que está fazendo falta é que se organize todo este trabalho a partir dos próprios trabalhadores. Ou seja, que os trabalhadores construam e sejam donos do seu próprio destino. Desde Bakunin, foi este o critério dos anarquistas sobre a questão da organização operária, a organização da luta de classe. Os trabalhadores se encontram numa determinada e bem concreta situação de trabalho e condições de vida. E nessa situação estão organizados desde cima pelos patrões, os capitalistas, os burocratas, o Estado...

daí, basta os trabalhadores tomarem seus assentos e vamos marcar uma viagem pra "virada final"!

O INIMIGO DO REI

foto: Jesus Carlos

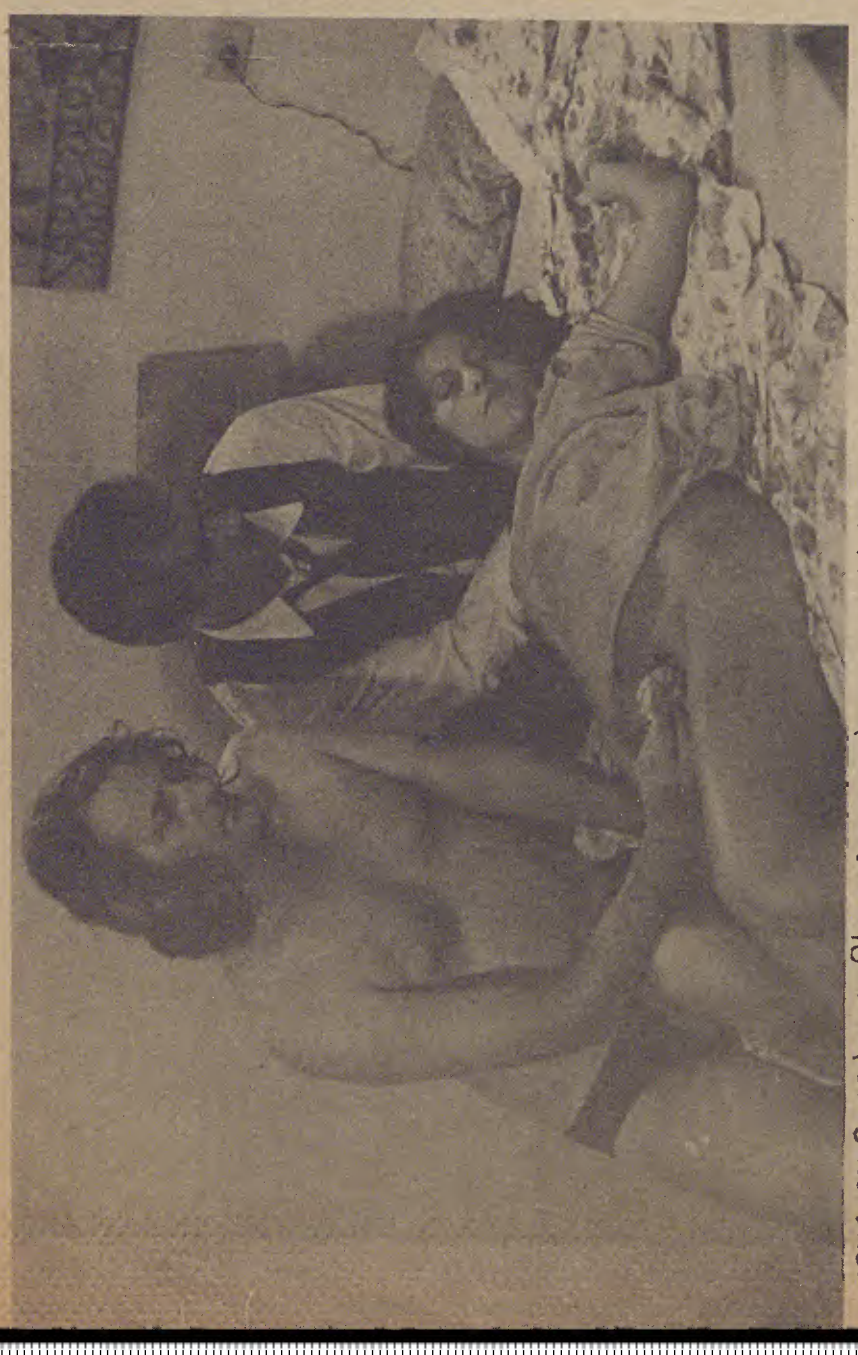
amor, palavra prostituta

carlos reichenbach/sp.

"Amor, Palavra Prostituta" é o meu 7º longa-metragem. Fiz filmes anárquicos (Corrida em Busca do Amor, Lilian M , A Ilha dos Porazeres Proibidos), libertários(O Paraíso Proibido) e um decididamente anarquista(O Império do Desejo - VIM E IREI COMO UMA PROFECIA lembram?). Fora uma ou outra excessão, e a encomenda que foi "Sede de Amar", esta é a primeira vez que trabalhei ' na elaboração do argumento e roteiro com outra pessoa. No caso, o escritor e jornalista, Inácio Araújo, que andou quatro anos por Paris vendo filmes e sendo atacado por trotskistas ensandecidos. Cabeças diferentes, mas a mesma tesão pelo cinema. Se nestes anos de exílio voluntário, jamais se interessou em conhecer Cohn Bendit, ou ' Daniel Guerin, problema dele. Leu Artaud como poucos, conheceu Samuel ' Fuller (o mestre) quase completo (amor à primeira vista), e importou uma biblioteca pequena, mas imprescindível. Entre Nerval, Blake, Macedonio Fernandes, e outros malditos, o incrível ' "Tratado do Desespero" de Soren Kierkegaard.Nosso roteiro foi escrito sob a inspiração desta aflitiva leitura .

Aí, algum chato irá dizer: O que? Um anarca fazendo filme existencialista? É ver para crer. Um proselitista do ' cinema do corpo, faz cinema da alma . Anarcoexistencialismo? - Quem for vivo verá! Mas verá com cinco minutos ' cortados pela censura vigente. A censura da abertura, que extirpou todas as sequências em que aparecia o sexo da atriz, e a hemorragia causada por um aborto mal sucedido. As cenas de trepada ficaram. Afinal, sacanagem-comédia pode, sangue menstrual, NUNCA! O fato de um personagem masculino, que não é marido, nem namorado, irmão, pai ou amante, cuidar obstinadamente das ' partes genitais da heroína, deve ter pesado na decisão. Como, deve ter pesado na cena em que a filha de industriais queima um fuminho em praça pública. No cinema brasileiro, só marginal fuma maconha. Com cortes ou não, gostaria que as pessoas vissem "Amor, Palavra Prostituta". Um filme desencantado e sombrio, que não fantasia as coisas, que joga limpo e tenta atingir os limites que separam o repulsivo do eterno, a agressão do toque e a indiferença do afeto. Se este filme tiver retorno financeiro, talvez eu consiga realizar ' projetos antigos: "LADY REVOLUTION, A Mulher de Seios Grandes" ("A Revolução é uma mulher de peitos grandes - D. Makavejev), com Fafá de Belém no papel ' central. "RESSACA DO PARAÍSO", inspirado por Roberto das Neves e os esperantistas da Germinal. "UNIVERSIDADE DOS RATOS", um "Zero de Conduite" mais radical. E, "OCRIME NÃO NASCEU NA ASIA", um policial obsceno. Como os projetos são mais fascinentes que os filmes já realizados, fica aí o encômio.

E.T. - O ator que desempenha o papel de Fernando em "Amor, Palavra Prostituta" é o mesmo que encarnou o vingador anarquista em "O Império do Desejo". A crítica de plantão, que o andou chamando de exagerado no "Império", tá confundindo ator com personagem. Acusam-no de nefelibata, de desagradavel e inexpressivo em "Amor, Palavra Prostituta". Saco!!! O Fernando é exatamente isto!!! Foi assim que eu o construí Um morto-vivo, "exausto em sua angústia sem alternativas", um intelectual cujo mórbido vazio emocional suga energia sem oferecer retorno, convencido de que o homem é um fantoche, manipulado pelo NADA (como bem observou Bruno de André - Visão - 5/4/82). Que vive em total inércia física e moral. Que incomoda o espaço em que vive. Se consegue provocar tamanha aversão nos espectadores, é mérito de um meticuloso trabalho de intérprete. No caso, o poeta e teatrólogo Orlando Parolini , ator exuberante por excelência. Inteligente, culto, e um dos poucos e autênticos autores de vanguarda no Brasil. Seus textos poéticos foram tema de um curta metragem que realizei há dois anos, "Sangue Corsário". Mais ' que autor, personagem de uma vivência dedicada à liberdade e à criação. Talento e sangue. Quem estiver vivo,irá assistir o espetáculo,que ele está levando por este brasis afóra. Concebido e interpretado por ele. "O FRANGO E A FREIRA", vento novo no teatro nativo. Um execício redentor de humor e anarquia.



cena censurada do filme Amor, palavra prostituta

ASSINE O INIMIGO DO REI
POR UM ANO
CR$ 500,00

HISTÓRIA NEGRA DE UM HOSPITAL

Rosa trabalhava num hospital da cidade e presenciou cenas que não devia ter visto; se sentiu mal, quis denunciar e o que aconteceu? Como em todas as instituições respeitáveis, quando acontecem fatos desta natureza, foi despedida. E ainda tinha um agravante. Ela era negra e, logicamente, a palavra de uma negra contra uma instituição de "respeito" o que vale? Nem um vintém.

coletivo Inimigo do Rei/RS

Inimigo do Rei: Rosa, em que hospital tu trabalhavas?

Rosa: Eu trabalhava na Instituição Santa Rita, um hospital para cancerosos.

IR: Qual era a tua função neste hospital?

Rosa: Eu era atendente e, portanto, trabalhava com os pacientes: limpando-lhes, levando-lhes a comida e outras coisas.

IR: Como era a tua vida no hospital?

Rosa: Era como a de qualquer outro hospital, onde se ganha muito pouco e se trabalha demais. O pior eram os desaforos que eu ouvia dos médicos a toda hora. Eles não queriam saber se eu tinha problemas em casa ou não, se eu estava me sentindo mal ou não. Queriam apenas que eu obedecesse suas ordens e se eu não obedecia, eles me xingavam, berravam comigo, enfim, me tratavam como se eu fosse um animal.

IR: Por que fostes despedida?

Rosa: Aconteceu que eu vi alguns lances que não devia. Resolvi chiar e me dei mal.

IR: Que tipo de lances eram estes?

Rosa: Bom. Para começar, a comida dos pacientes era muito ruim e, portanto, não havia uma dieta alimentar adequada para cada caso. Muitas vezes o pessoal encarregado da cozinha levava o que havia de melhor para casa e ficava só o que era ruim para os pacientes. A administração do hospital nem queria saber o que estava acontecendo. E o estopim de tudo foi que um dia vi um paciente morrer por falta de atendimento médico adequado.

IR: Mas como aconteceu isto? O médico encarregado não estava no hospital?

Rosa: Não. Simplesmente o médico não aparecia nas horas que devia. Não se encarregou do caso como devia e até o medicamento foi feito de forma errada. Este médico não lembrou nem de deixar a prescrição adequada para o paciente e quando mudou o turno, o outro pessoal não sabia o que fazer. Foram consultar o prontuário, onde há todos os dados do paciente, e não havia quase nada escrito. Para piorar a situação mais ainda, o paciente teve uma crise muito forte. Ele tinha câncer na próstata. Queriam atribuir a culpa a nós, os atendentes, dizendo que erramos a medicação. Então eu resolvi dizer que ia denunciar o caso no jornal.

IR: E o que te aconteceu depois disso?

Rosa: Primeiro, eu levei um "gancho" de uma semana. Depois, fui chamada na administração, onde me pediram para acabar com aquela "bobagem", pois o caso já estava solucionado. Eu respondi que não estava solucinado coisa nenhuma, pois eu havia levado um gancho de uma semana e seria descontada no fim do mês, do meu mísero salário. E tudo por uma coisa que não fiz. Disse também que eu tinha filhos para criar e que não era mais criança para ser tratada como os médicos me tratavam. Disseram-me que no hospital eu tinha que obedecer aos meus superiores e que a minha situação estava ficando difícil por causa do meu comportamento. Ameaçaram-se de demissão, se eu não esquecesse o caso. Então, eu falei que se eles queriam me despedir que o fizessem, mas que eu tinha os meus direitos e que iria denunciar tudo no jornal, mostrando o comportamento dos médicos do hospital. Eles consideravam aquilo lá um "biico" e só apareciam de vez em quando.

IR: Então fostes para a rua?

Rosa: Claro. E eles ainda disseram que não valeria a palavra de uma atendente "negra" contra eles, pois provariam que nada do que eu dissesse ao jornal era verdade. Agora eu estou na minha. Desempregada, mas sei que logo aparece outro emprego. Hospital é sempre a mesma coisa. A mesma sujeira, a mesma sujeira.

IR: E agora? De quem é a culpa? A culpa é de todas as sujeiras desse sistema que se reflete na saúde, no desemprego e outras coisas. Até instituições pseudo-sociais trazem toda a opressão e a injustiça característica desse regime.

E essas coisas não se mudam com eleições.

LIBERTÁRIOS VÃO À BARCELONA

No final de maio do corrente ano, o Ateneo Libertário do bairro de "Pueblo Seco", de Barcelona, tomou a iniciativa de organizar um encontro de todos os grupos, coletivos, organizações ou individualidades que estão desenvolvendo atividades generalizadas dentro do campo social, popular, editorial, cultural e sindical do Movimento Libertário de Barcelona, para estabelecer um contato informativo, com o objetivo de encontrar alguns pontos comuns mínimos que permitam criar uma dinâmica de trabalho capaz de assumir a organização de alguns ENCONTROS, para debate e troca de idéias e iniciativas, encaminhadas no sentido de buscar saídas para o refluxo generalizado em que se encontra o Movimento Libertário.

Esta iniciativa está recebendo uma acolhida favorável de companheiros e entidades libertárias, nas quais se manifestam grande interesse. Companheiros de vários Ateneos de Barcelona se encontram dispostos a participar. O Pleno de Sindicatos da Federação Local de Barcelona da CNT-AIT, respondendo ao cnvite, decidiu nomear um delegado para assistir a todas as reuniões.

Outras individualidades libertárias não vinculadas a nenhum grupo ou organização, também manifestaram seu interesse em participar. Pouco a pouco, a iniciativa do Ateneo Libertário do "Pueblo Seco" vai atraindo uma série de contribuições que criam uma perspectiva favorável à organização dos citados ENCONTROS.

Entre os meses de julho e agosto, foram tirados alguns pontos mínimos nas três "reuniões-contato" realizadas.

Propomos a cidade de Barcelona como local para a realização desses "ENCONTROS", eventualmente durante o primeiro trimestre de 1983, salvo outras sugestões que, naturalmente, estamos dispostos a receber.

Em segundo lugar, propomos não restringir estes ENCONTROS ao âmbito de Barcelona nem da Espanha, mas estendê-lo ao âmbito Europeu e Internacional, pelo qual sugerimos que tal iniciativa denomine-se de ENCONTROS LIBERTÁRIOS INTERNACIONAIS.

Nestas "reuniões-contato" preliminares, apareceram duas posições antagônicas. Uma que se baseia exclusivamente no conceito de Encontros de Trabalho encaminhados no sentido de encontrar soluções concretas de coordenação das diversas atividades, ou seja, superar o esquema que prevaleceu até agora em semelhantes iniciativas ("nos vemos, discutimos, fica tudo bem... e até outra vez"). A proposta fundamenta-se na organização de alguns Encontros, destinados a gerar em torno deles uma expectativa geral e interesse público, com a finalidade de expor nossas opiniões sobre a situação geral, e seus aspectos mais críticos, dentro de um marco que ultrapasse os limites do espaço libertário.

Finalmente, optamos por sugerir que ambas as propostas possam fundir-se criando no próprio âmbito dos Encontros Internacionais dois espaços cuja forma e conteúdo respondam a cada uma das propostas.

Uma, ENCONTRO-TRABALHO, onde se trocariam e confrontariam idéias e fórmulas para dar continuidade às atividades sociais, culturais, editoriais, etc., do Movimento Libertário através de uma relação coordenada.

Outra, ENCONTROS - PÚBLICOS, onde se manifestem as opiniões libertárias e afins, sobre os diversos aspectos vitais da situação, nos quais se demarcariam também as manifestações culturais e artísticas.

Ambos os encontros, com o seu temário específico, aconteceriam ao longo de quatro dias em horas e lugares diferentes.

Outras idéias foram sugeridas, como este texto a título de "exposição de intenções", que começamos a dirigir a todo o Movimento Libertário Internacional e Espanhol, sugerindo a todos que o recebam, que enviem cópias do mesmo para aqueles grupos, entidades e individualidades Libertárias e afins com os quais se encontrem em contato.

Além disso, estamos planejando a edição de um "Boletim Informativo" de periodicidade mensal, a partir do mês de setembro, dedicado exclusivamente à difusão de todas as iniciativas que se proponham à organização destes "ENCONTROS", tanto no que diz respeito ao seu temário, como a formas e procedimentos, para o qual sugerimos:

UMA REUNIÃO-CONTATO PRELIMINAR, A REALIZAR-SE EM BARCELONA DURANTE A PRIMEIRA QUINZENA DE OUTUBRO, para tratar:

- formas de convocatória dos ENCONTROS;
- elaboração de uma relação provisória de Temas, sua classificação e ordenamento;
- formas de relação que serão mantidas durante o processo de preparação dos ENCONTROS;
- formas de contribuição econômica e estudo de propostas de gastos;
- tratar da possibilidade de realizar outras duas reuniões de trabalho antes da realização dos ENCONTROS.

Para todas essas reuniões poderiam ser indicados os respectivos delegados dos grupos, núcleos e organizações (ou individualidades) libertárias que estejam interessados na preparação dos ENCONTROS, com a finalidade de trazer suas contribuições. Da mesma maneira, sugerimos que todos aqueles que não possam dirigir-se a estas reuniões de trabalho, façam chegar por escrito suas iniciativas.

Este procedimento tem como finalidade a de unir os setores do MOVIMENTO LIBERTÁRIO INTERNACIONAL que tenham participado nesses trabalhos prepartórios, numa convocatória geral e pública, com a qual se conseguiria um amplo destaque dos ENCONTROS.

Até este momento, coletamos as seguintes sugestões de Temas:

Repressão, Prisões, Delinqüência, Marginalizados, Grupos Sociais (Mulheres, jovens, aposentados), Ecologia, Antinucleares, Pacifismo, Antimilitarismo, Bairros, Comunas, Município Livre, Pedagogia, Edições e Publicações Marginais, Movimento Operário, Mercado Comum Europeu, Desemprego (estrutural, tecnológico e econômico), Atividades Alternativas ao Conceito de Trabalho, Organização Social e Federal da Autonomia..., cuja classificação e complementação com outros que tenham chegado, irão sendo tratados nas citadas reuniões de trabalho e no projeto do Boletim de Informação.

Também aparecem sugestões diversas sobre a organização de atos culturais e artísticos, exposições de documentos, teatro, cinema e música, no marco dos ENCONTROS.

Para comunicar-se, por carta, com este projeto, estabelecemos como ponto de contato:

ATENEO LIBERTARIO
c/ELCANO nº 48, BAJOS
BARCELONA - 4 - ESPANHA

E, por telefone, de segunda a sexta, das 19 às 21 hs o telefone: (00343) 2414206.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O INIMIGO DO REI

CARTAS

Além deste texto sobre a alienação foi um poema por mim escrito no dia em que a Elis Regina morreu. Se houver interesse na publicação, agora ou no nº de janeiro/82, quando fizer um ano que a Elis morreu, tá ai com vocês.

Agora, eu queria saber como é que eu posso receber o jornal;

Edson Luiz Netto
Itapina/esp

Eu tava (e tô ainda) nesses dias sem tempo nem pra pensar, e não deu tempo nem de dar uma lida no texto e no poema, e só hoje é que eu pude dar uma olhada nas fotocópias que eu tirei do que lhes mandei, e como já são 10 horas da noite, correio só segunda feira, por isso eu não corrigi antes. Sabe que eu nem sei o que aconteceu, pulei alguns versos, coloquei outro no lugar; vai ver que o FM tava tocando a "Paralalelas" do Belchior e eu misturei tudo. "Como nosso pais" é do Belchior, né.

Mesmo que esse poema não lhes sirva pra nada, quero que vocês conheçam ele como foi escrito no dia que a Elis morreu. Por nada.

Agradeço sua atençao/boa vontade.

Saudações Libertárias!

Obs.:

conheçam-no = conheçam ele
(tanto faz, como é que se fala? Do jeito que se quer, não é?)

Edson Luiz Netto
Itapina/esp

Alô:

Estou enviando para vocês um trabalho que fiz há certo tempo, e que, por falta de alguém livre e desembaraçado como o Inimigo do Rei, ficou na gaveta. Vejam se interessa. Se não, pelo que devolvam por que não tive dinheiro para xerox.

Milhões de abraços para vocês todos,

Força
Luta
Longa vida

Salut
Ivan Jaf/RJ

Há algum tempo li sobre o jornal de você, e fiquei querendo lê-lo. Agora consegui o endereço, mas não tenho dinheiro. Ainda assim, resolvi escrever para pedir alguns exemplares, se vocês puderem me atender. Gosto de literatura e as idéias políticas transformadas em realidade, como, por exemplo, o marxismo, não me agradam. Há pouco tempo adquiri o livro "O Anarquismo" da Brasiliense, e a liberdade que essa política propõe me pareceu interessante.

Mauro Antônio
Campo Grande/MS

PANORAMA POLÍTICO

PDS
M
D
PTB
PDT
LSD

tangerini/RS

delito qualificado

J. Gomes/RS

Inventamos o tempo por amor da morte, da loucura, daquilo a que desde sempre estivemos condenados, ou para facilitar a existência dos fabricantes de relógios. De nada tenho certeza. Nunca contei os dias vividos ou os que ainda teria por viver. Essa matemática me é completamente estranha, como me são estranhos quase todas as invenções da imaginação humana, tendo que conviver com elas. No entanto, não sei se caminho em direção à grande claridade que aniquila, ou que mistériosas paisagens esperam por mim no fim do caminho, se há um caminho, se este caminho alguma vez teve um começo para poder ter um fim, ou se pode ter um fim ser tido um começo, ou ainda tantas outras combinações que ocorrem – quando lembro, de acordo com a lei de meus semelhantes, que sou dono de 27 anos que não quero ter. Mas é impossível viver calma e tranqüilamente sem que logo apareça um vizinho. As vezes penso que minhas preferências vão para as avozinhas. Gostaria, como o poeta que elas falassem de amor, pois também sempre acreditei que apenas as avozinhas, por trás de suas faces enrugadas, poderiam falar de amor. Ah, palavra difícil. Será melhor do que o tempo? A loucura sim, esta me parece forte, mais evidente, mais clara e não de. Não conheci nenhum louco que usasse relógio. O que não quer dizer que não exista. Não posso afirmar nada sobre os loucos que conheci, pois sempre julguei a loucura por aquilo que me era agradável ao espírito. Devo adiantar que tenho um espírito muito estranho, daí amar tudo que fosse estranho e incompreensível ao próprio pobre Deus. Se há alguma premonição nos motivos que me arrastam a desistir de todo o resto e fazer o relatório da minha triste existência, nada posso afirmar. Sei que venho de longe, não tendo certeza disso, mais fácil delimitar o espaço do momento gritantemente presente, descrever os poucos objetos que o ocupam e os meus sentimentos para com eles, nada certo. Sempre me orgulhei da capacidade de dificultar os esforços que os outros fazem por catalogar-me, não julgando – por nada deste mundo – que traga alguma novidade ou originalidade no momento do meu corpo. E tudo muito antigo ao mesmo tempo que tudo ainda está por acontecer, muitas vezes enquanto acontece. Escrevo não para me justificar, mas para divertir-me. Tenho certeza, como posso escrever assim?, que a mulher a quem jurei amor por alguns anos, vibraria de excitação no dia que porventura viesse a cortar os próprios cabelos e me crussificasse, e que fosse num belo crepúsculo perfumado de jasmins. Mas nunca isso acontecerá, embora não tenho motivos suficientes para me envaidecer deste saco que algum Deus me deu num momento bem-humorado. No dia de hoje nada de excepcional, quando na memória, tanto quanto na imagem de uma bela manhã de chuva na Idade Média, cujos espaços com toda a certeza devo ter visitado, pois lembro muito bem, não muito bem, a primeira vez que vi fascinado à luz elétrica e comecei a desconfiar das barbas brancas de nosso Deus. Não sei porque digo nosso – nunca tive a intenção de dividir nada com ninguém. Foi quase a mesma emoção da minha primeira dose de antibiótico. Ainda não desvendei nem assimilei os mistérios ou qualidades da pedra, o que seria de grande utilidade em situações tão desesperadoras. Portanto, acreditem, sou até demasiado humano. Humano até o desumano. Desumano até o humano. O humano até o desumano. Podem pensar no que estou pensando. Depois lavem bem a burda com tudo isso e depois bebam a água. Bem aí vai: meu nome é m. Se quiserem me alegrar toquem um blues. Cagarei de tanto rir e juro que ninguém perceberá. E tudo o vos posso momentos além do nome. Por enquanto desculpem se vos prometi um relatório.

POESIAS CONTO

ELA

Ela é simplesmente bela,
apesar de inteligente,
meiga,
carinhosa,
sensual e charmosa.
Mas tudo isso nada mais é
do que a manifestação concreta
de toda sua beleza, sempre.

Gilberto Kuhner/RS

ORDEM E PROGRESSO

Aparece o fantasma de Stalin
Ressuscita Ivã, o Terrível
Vem das estepes
O exército
Abaixa a crista, Polônia
Neva na Tchecoslováquia
Kafka morre de medo
Zumbe o Afeganistão
Choram as pedras da Ilha da Páscoa
Choram os índios no Xingu
Choram as Locas de Mayo
Mas renascem dedos em Maiakowsky
Ressurgem Platão
E Lorca
E einstein
Puxam orelhas de Brezhnev e Pinochet
Botam ordem nos países sitiados
Acendem as luzes
Suturam os feridos
Adormecemos em paz, nós
E sonhamos
Mesmo porque o sonho
É um meio
De lutar
Soldados, fujam dos quartéis
Marinheiros, tomem os navios
Senhores generais, demitam-se duma vez
Senhores governantes, desistam de governar.

Henrique/esp

ACIDENTE NO CAIS DO PORTO

Neste momento
Não há nenhuma gaivota no céu
Nenhum pranto para o morto
Nenhum ruído no ar
Nada
O cheiro azedo do cais
Se mistura ao cheiro
Adocicado do sangue
Escrever o que
Diante de um acidente de trabalho
Se "acidente de trabalho"
São palavras tão frias
Tão burocratizadas
Diante dos pingentes
Dos monstruosos guindantes
Dos barris de 500 toneladas
Da luta pela sobrevivência
De homens que vivem como ratos
E lutam como feras
Por um pedaço de pão?
Como descrever
A obcenidade e poder?

PESSOAS/VIDA

Pessoas
Pessoas indo para o trabalho
Pessoas se espremendo nos ônibus
nas calçadas
Pessoas maquinais que nem sabem
porque
o quê
como.
Vida
Vida gasta à toa
Vida passada em branco
em brancas nuvens
Vida estúpica que não faz sentido
sem nexo
sem fim.

Sem fim, até acabar.

Ednico Ramos Francisco/esp

ARGOS

Falar o que
Ao ver este homem decepado
Ao descarregar um navio?

Fazer o que
Neste momento absurdo
Senão esbugalhar os olhos
Escancarar a boca
E urrar por dentro

Qual o gesto?
Qual a palavra?
Qual a ação?
Diante deste sangue
Que espirra deste pescoço
Cuja cabeça já não há?
O que toma conta de mim
Ao olhar este estivador decepado
Cujo corpo ainda pula em espasmos?
O que se pode sentir

Senão perplexidade
Estupidificação?

Não há nenhum sentido nas leis
Não há nada que justifique
Esta insólita pantomina
Não há nenhum nexo
Neste circo de horrores
Região pela batuta estatal
Acorda, humanidade!
Sois homens, não ratos!
Acorda e derruba
Este poder estúpido
Criado por ti mesma.

Há um rata a menos no porto
Amanhã já outro rato tomará o seu

Waldimez/SP

dor
frio gelado e nó nas asas
nó nas asas não
nó nas asas do teu rumo
nó nas asas não
no infinito dos teus olhos
no infinito dos teus voos
a ilusão brinca de amor
de amar...
triste emoção colorida
nesta estrada transparente
céu te brilha em
do.

Luiz Sérgio de Viveiros/esp

CARTAS

Gostaria de saber se os srs. fazem assinatura deste ou de qualquer jornal do gênero, quanto é e se haveria possibilidade de me enviar toda vez que o mesmo fosse publicado.

Hiene

"A paz é a única forma de nos mostrarmos verdadeiramente humanos". (A. Einstein)

Gostaria de receber pelo reembolso postal um exemplar de assinar (tem assinatura?) o "Inimigo do Rei". Gostaria também de colaborar com artigos, se possível.

Grato.

Fábio Marc-lo Quinaud

Pessoal do Sul:

Estou enviando a vocês um exemplar do Beijo. Esse jornal foi parido a fórceps na Ciências Sociais da USP. Feito por um grupo de pessoas que insiste em afirmar a sua autonomia frente a qualquer coisa.

Assim que este número saiu, muitas foram as críticas. Aquelas, aliás, que já conhecemos bem. Todo o medo das pessoas que não conseguem se afirmar vem à tona e tenta acabar com o trabalho da gente. Mas não desistimos. Continuaremos tentando, empurrando até sair. Ou morreremos tentando.

Por outro lado, socorro! Correspondam-se com a gente. Mandem notícias, comentários. Não agüento mais esta sensação de que estamos sozinhos! Particularmente eu, estou precisando de mais gente que esteja tentando fazer esta droga andar prá frente. Por favor, mandem colaborações, correspondência para a gente.

Saudações Libertárias!

Marney Luis Peres Jr./SP

Sejamos aqui amigos já que não temos nenhuma S.Majestade para prestar contas.

Queria ler o "I do R" mas nunca soube encontrá-lo. E agora?

Mando um artigo para eventual publicação?

Abelhas, Lua, Plantas, Música, interpretadas à luz da ANTROPOSOFIA do Rudolf Steiner.

Quero contato!

Até, até de repente!

Olinto • mata da estiva
iguarama/MG

Venho por meio desta para solicitar-vos a gentileza de enviar-me informações mais detalhadas sobre o jornal "O INIMIGO DO REI"

Francisco Soares Machado

SATISFACTION

convite para você apaixonar-se pela vida

rio ara/sc

Fazer o Teatro do Povo com toda anarquia expressando pela individualidade de cada participante os sentimentos, revoltas, sublimações, através dos temas próprios do homem da terra e do mar e nos locais onde ele vive, trabalha.

É isto o que já fazemos há dez anos, dois no Paraná e oito aqui nas dunas da Lagoa da Conceição, 12km de Florianópolis, Santa Catarina.

Durante um dia e meio improvisamos como povo, sobre o maior arquétipo da história e sua paixão humana – o homem Jesus – o seu drama, porém renovado, atualizado nos grandes conflitos e contradições do sistema que os esmaga.

E a cada ano ele encarna, sofre, vibra, ri, ama, luta e morre pelas ânsias e sofrimentos do povo, como líder revolucionário do nordeste, proletário, marginal, sábio da vida da cultura do homem da enxada e da rede.

Neste ano ele e João Batista apareceram como os grandes líderes da luta contra o poder contra todo autoritarismo e pela libertação do indivíduo mecanizado pelo sistema de produção.

Fundam comunidades, plantam, pescam em busca de auto-suficiência, realização única para o homem ser livre.

Venham participar, desta festa todos os anos.

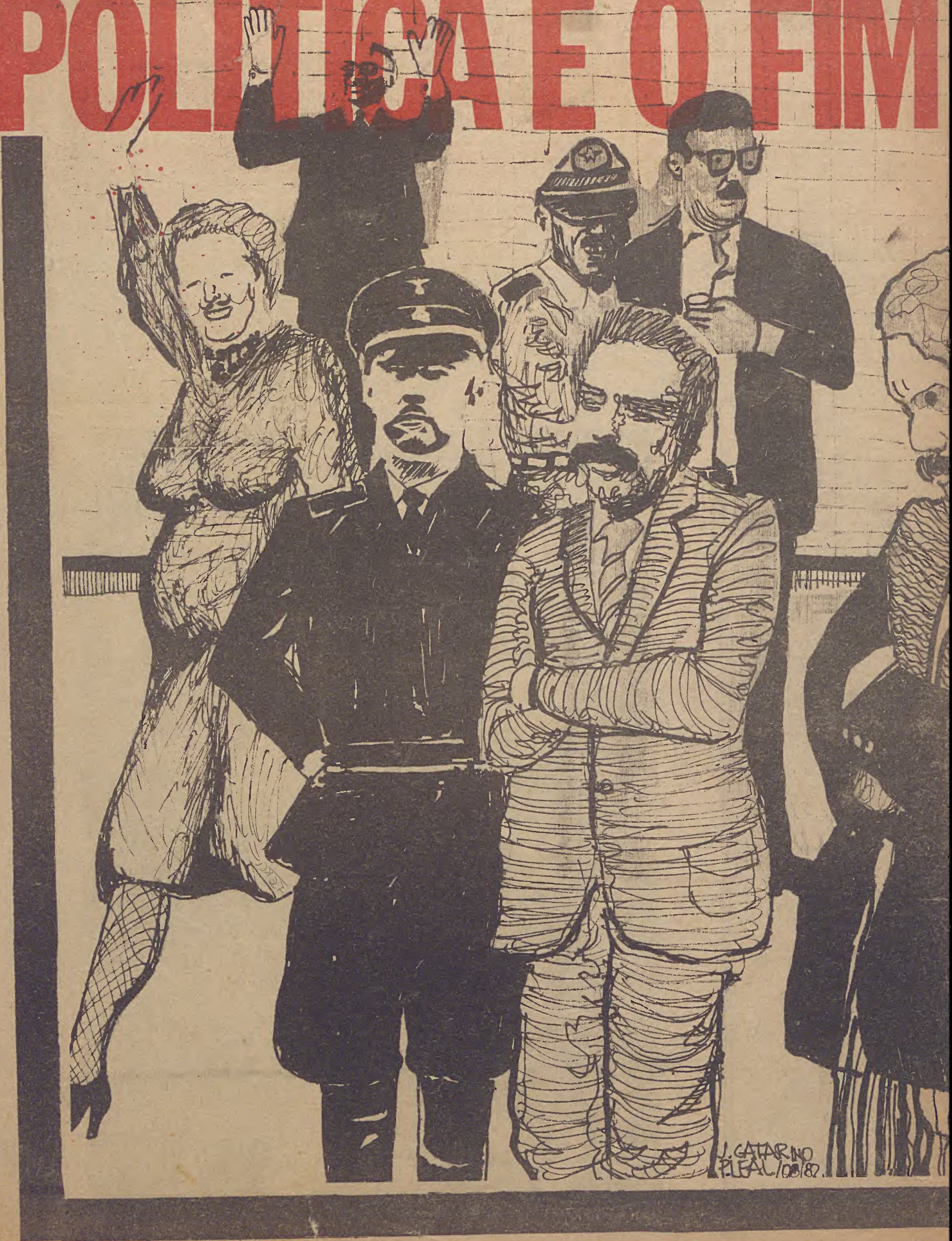
Entrem com a cara e a garra na representação que não exige atores, sequer experiência teatral, mas apenas a emoção e a verdade de cada um.

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria "A" CGC/MF 14172787/0001-63 – Rua 21 de Abril nº 8, sala 21. Relógio São Pedro, Salvador Bahia, Brasil. um empreendimento Ⓐutogestionário
jornalista responsável: Antonio Carlos Pacheco
diagramação: Júlio/Leal/Puig/Antonio Lopes/Paulinho
redação: Este número foi organizado pelo Coletivo Inimigo do Rei do Rio Grande do Sul
Trabalham neste número: Jorge, Stirner, Coletivo Oposição Sindical/RJ-SP, Mauro, Ingo, Luigi, Betinho, Bia, Rafael Teresa, Osório, Tangerini, J. Gomes, Gilberto, Henrique, Waldirez, Eurico, Rio Ara P. Flores, Luiz Sérgio, Edson, Ivan, Mauro Antonio, Pastorini, Jesus Carlos, Reichenbach, Coletivo I.R/RS, Ateneo Libertário, Radio Libertaire centro Studi Libertari, Edgar Rodrigues, Chico, Hiene, Salsa, Jesus Carlos, M. Fernandes, Fábio, Olinto, Marrey, Jonas, Trevisa, Caias e a Sativa
contatos com o jornal
PORTO ALEGRE/RS – Cep 90000 C.P. 10563 SALVADOR/BA – Cep 40000 C.P. 2540
SAMPA/SP – Cep 05421 C.P. 11277 · RIO DE JANEIRO/RJ – Cep 20000 C.P. 15001

foto: Jesus Carlos/SP

POLÍTICA É O FIM



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP
CEDEM